

# o abraço da noite



SHERRILYN KENYON

*Tradução de Rita Guerra*



CHÁ DA CINCO  
Livros com sexto sentido



*Para os fãs que me têm apoiado e oferecido sorrisos silenciosos em conferências e sessões de autógrafos, bem como através dos seus emails e cartas.*

*À RBL Romântica e aos posters da DH cuja presença é sempre uma fonte de calor.*

*À minha família e amigos que fazem com que a minha vida valha a pena. E a Kim e Nancy que acreditam em mim e que estão dispostas a dar-me a oportunidade de apresentar ao mundo as pessoas que vivem no meu coração e na minha mente.*

*Obrigado a todos! Espero que cada um de vós receba todas as bênçãos e riquezas que merece. Abraços!*



*Prólogo*

558 D.C., GLIONNAN

**OS TREMENDOS** incêndios que devoravam a aldeia ardiam alto na noite, lambendo o céu escuro como serpentes que se entrelaçam sobre veludo preto. O fumo erguia-se suavemente através da escuridão enevoadada, acre com o cheiro a morte e vingança.

A imagem e o cheiro deviam trazer alegria a Talon.

Não traziam.

Nada lhe voltaria alguma vez a trazer alegria.

Nada.

A amarga agonia que crescia dentro de si era castradora. Debilitante. Era mais do que mesmo ele era capaz de suportar e esse pensamento era quase suficiente para o fazer rir...

Claro.

Sim, praguejou com o peso esmagador da sua dor.

Um a um tinha perdido todos os seres humanos que alguma vez tinham significado algo para si, à face da Terra.

Todos eles.

Aos sete anos de idade ficara órfão, com a pesada responsabilidade de cuidar da irmã bebé. Sem lugar para onde ir e incapaz de garantir, ele próprio, o sustento da criança pequena, regressara ao clã que fora um dia liderado pela sua mãe.

Um clã que banira ambos os seus progenitores antes de ele ter nascido.

O tio encontrava-se no primeiro ano de reinado quando Talon abriu

caminho à força, até ao seu salão. Relutantemente, o rei aceitara-o, e a Ceara, mas o clã nunca o fez.

Não, até Talon os ter obrigado a isso.

Podiam não ter respeitado os seus progenitores mas Talon fez com que respeitassem a sua espada e o seu temperamento; com que respeitassem a sua disponibilidade para mutilar e assassinar todos aqueles que o insultassem.

Quando chegou à idade adulta, ninguém se atrevia a troçar do seu nascimento ou a pôr em causa a memória ou a honra da sua mãe.

Erguera-se de entre as fileiras dos guerreiros e aprendera tudo o que podia sobre armas, batalhas e liderança.

No final, fora unanimemente eleito para suceder ao tio por todas as pessoas que um dia o tinham menosprezado.

Como herdeiro, Talon mantivera-se do lado direito do tio, protegendo-o incansavelmente, até que uma emboscada inimiga os apanhara desprevenidos.

Ferido e em agonia, Talon segurara o tio nos braços, enquanto Idiag falecia devido aos ferimentos.

— Protege a minha esposa e Ceara, rapaz — sussurrara-lhe o tio, antes de falecer. — Não faças com que me arrependa de te ter acolhido.

Talon prometera. Mas, apenas alguns meses depois, descobrira a tia violada e assassinada pelos seus inimigos. O corpo conspurcado e abandonado para servir de alimento aos animais.

Menos de um ano decorrido, abraçara a sua esposa, Nynia, apertando-a contra o peito enquanto, também ela, soltava o último suspiro e o deixava sozinho, para sempre privado do seu toque gentil e apaziguador.

Ela tinha sido o seu mundo.

O seu coração.

A sua alma.

Sem ela, não mais desejava viver.

De espírito quebrado e coração partido, colocara o filho nado-morto nos seus braços sem vida e enterrara-os aos dois, juntos, perto do lago onde ele e Nynia tinham brincado em crianças.

Depois, fizera conforme lhe tinham ensinado a mãe e o tio.

Sobrevivera para liderar o seu clã.

Colocando de lado a sua dor, tanto quanto lhe era possível, vivera apenas para o bem-estar do clã.

Como capitão, derramara sangue suficiente para encher o mar revolto e, pelo seu povo, recebera na carne golpes incontáveis. Levara o seu clã à glória contra os continentais e os clãs do Norte que os tinham tentado

conquistar. Com a maior parte da família morta, dera ao seu povo tudo o que tinha. A sua lealdade. O seu amor.

Oferecera, inclusivamente, a sua própria vida para os proteger dos deuses.

E, num segundo, os membros do seu clã levaram o último ser amado que lhe restava.

*Ceara.*

A sua querida irmãzinha que ele jurara, perante a mãe, o pai e o tio, proteger a qualquer preço. Ceara, de cabelos dourados e sorridentes olhos cor de âmbar. Tão jovem. Tão gentil e generosa.

Para satisfazer as ambições egoístas de um homem, o seu clã assassinara-a perante os seus olhos, enquanto ele se encontrava prostrado, atado, incapaz de os impedir.

Ela morrera gritando o seu nome, clamando pela sua ajuda.

Os seus gritos de horror ainda lhe retiniam nos ouvidos.

Depois da execução, o clã voltara-se para ele e pusera também fim à sua vida. Mas a morte de Talon não lhe trouxera alívio. Tudo o que sentira fora culpa. Culpa e necessidade de vingar as atrocidades sofridas pela sua família.

A necessidade de vingança transcendera tudo, até mesmo a morte.

— Que os deuses vos amaldiçoem a todos! — rugiu Talon à aldeia em chamas.

— Os deuses não nos amaldiçoam, nós amaldiçoamo-nos a nós mesmos com as nossas palavras e atos.

Talon voltou-se, rapidamente, para a voz atrás de si e viu um homem todo vestido de preto. Erguendo-se no topo da pequena elevação, aquele homem era diferente de tudo o que alguma vez vira.

O vento noturno rodopiava em torno da figura, abrindo o manto finamente tecido enquanto ele avançava, segurando na mão esquerda um grande e retorcido bastão de guerreiro. A antiga e escura madeira de carvalho, com símbolos entalhados, estava decorada, no topo, com penas presas por um cordão de cabedal.

A luz da lua dançava sobre o cabelo etéreo, negro como azeviche, que usava preso em três longas tranças.

Os seus olhos, prateados e tremeluzentes, pareciam turbilhões de uma fantasmagórica neblina.

Aqueles olhos brilhantes eram arrepiantes e perturbadores.

Erguendo-se à altura de um gigante, Talon nunca antes tivera de levantar o olhar para encarar alguém e, no entanto, este estranho parecia do tamanho de uma montanha. Só quando o homem se aproximou é que Talon percebeu que ele media apenas mais alguns centímetros de altura e que

não era tão velho como inicialmente lhe parecera. Na verdade, o seu rosto era de uma juventude perfeita, no precioso limiar entre a adolescência e a maturidade.

Até se olhar mais de perto. Ali, nos olhos do estranho, encontrava-se a sabedoria dos séculos. Não se tratava de um rapaz mas de um guerreiro que lutara arduamente e vira muitas coisas.

— Quem és tu? — perguntou Talon.

— Sou Acheron Parthenopaeus — disse, conferindo uma estranha pronúncia à língua céltica nativa de Talon, que falava impecavelmente. — Fui enviado por Ártemis para te treinar para a tua nova vida.

A deusa grega dissera a Talon que esperasse a chegada daquele homem que vagueava pela terra desde tempos imemoriais.

— E o que me ensinarás, Feiticeiro?

— Ensinar-te-ei a matar os *daemon* que se alimentam dos humanos desafortunados. Ensinar-te-ei a procurar refúgio durante o dia para que os raios de sol não te matem. Mostrar-te-ei como falar sem revelares as tuas presas aos humanos e todas as outras coisas de que precisas para sobreviver.

Talon riu, amargamente, enquanto a dor lancinante o percorria uma vez mais. A ânsia e a dor eram tão grandes que mal conseguia respirar. Tudo o que queria era paz.

Era a sua família.

E eles tinham partido.

Sem eles, já não desejava sobreviver. Não, não podia viver com aquele peso no coração.

Olhou para Acheron.

— Diz-me, Feiticeiro, possuis algum feitiço que leve de mim esta agonia?

Acheron lançou-lhe um olhar duro.

— Sim, Celta. Posso mostrar-te como enterrar a dor tão profundamente dentro de ti, que não mais te incomodará. Mas não te esqueças que nada é dado sem contrapartida e nada dura para sempre. Um dia surgirá alguém que te voltará a fazer sentir e que trará consigo a dor dos séculos que viveste. Tudo o que escondeste será revelado e poder-te-á destruir, não só a ti mas a qualquer pessoa próxima de ti.

Talon ignorou a última parte. Tudo o que desejava, por ora, era o dia em que o seu coração não sangrasse de dor. Um momento livre daquele tormento. E estava disposto a pagar qualquer preço.

— Tens a certeza de que não sentirei nada?

Acheron acenou.

— Só to posso ensinar se me ouvires.

— Então ensina-me bem, Feiticeiro. Ensina-me bem.

*Capítulo*

UM

## ATUALIDADE, NOVA ORLEÃES

— **SABES**, Talon, matar um *daemon* sugador de almas sem uma boa luta é como sexo sem preliminares. Uma completa perda de tempo e, de facto... nada satisfatório.

Talon rosnou o seu assentimento perante as palavras de Wulf, enquanto se sentavam numa mesa de canto no Café Du Monde, esperando o regresso da empregada com café preto de chicória e *beignets*. Na mão esquerda segurava uma antiga moeda saxónica, que fazia rolar entre os dedos enquanto perscrutava a rua escura à sua frente e via passar os turistas e os locais.

Tendo banido a maior parte das suas emoções, quinhentos anos antes, só havia três coisas que Talon ainda se permitia gozar: mulheres dissolutas, café de chicória quente e os telefonemas de Wulf.

Por essa ordem.

Embora, para ser sincero, houvesse alturas em que a amizade de Wulf significara mais do que uma chávena de café.

Essa noite, contudo, não era uma dessas alturas.

Tinha acordado, logo depois do crepúsculo, descobrindo-se com níveis pateticamente baixos de cafeína e, embora a teoria afirmasse que os imortais não tinham vícios, não era algo em que apostasse.

Mal tivera tempo para vestir um par de calças e o casaco de cabedal antes de partir em busca da deusa Cafeína.

A fria noite de Nova Orleães estava incaracteristicamente calma. Não havia muitos turistas na rua, o que era estranho tão perto do Carnaval.

Ainda assim, era a época alta dos *daemon* em Nova Orleães. Em breve os vampiros começariam a seguir os turistas e a alimentar-se deles como se estivessem num banquete.

Por enquanto, contudo, Talon estava contente pela acalmia, já que lhe permitia lidar com a crise de Wulf e alimentar o único desejo que não podia esperar.

— Falas como um verdadeiro nórdico — disse Talon para o telemóvel. — O que tu precisas, meu irmão, é de um salão de hidromel repleto de jovens empregadas e Vikings prontos a abrir caminho, lutando, até Valhalla.

— A quem o dizes — concordou Wulf. — Sinto saudades dos bons velhos tempos, quando os *daemon* eram guerreiros treinados para o combate. Os que encontrei, esta noite, não sabiam nada de luta e estou farto da mentalidade de “a minha arma resolve tudo”.

— Dispararam contra ti, outra vez?

— Quatro vezes. Juro... quem me dera arranjar um *daemon* como o Desiderius. Adorava uma boa luta, ao menos uma vez.

— Tem cuidado com o que desejas, podes recebê-lo.

— Sim, eu sei. Mas, raios! Ao menos uma vez, não podem parar de fugir de nós e aprender a lutar como os seus antepassados? Sinto saudades da forma como as coisas eram.

Talon ajustou os óculos escuros *Ray-Ban Predator*, enquanto observava um grupo de mulheres que passava na rua próxima.

Ora ali estava um desafio em que não se importava de enfiar as presas...

Sob os lábios fechados, passou a língua sobre o longo dente canino esquerdo, enquanto observava uma bela mulher, loura, vestida de azul. Tinha um andar lento e sedutor que podia fazer com que até um homem de quinhentos anos de idade se sentisse um rapazinho.

Ele queria *tanto* um pedaço daquilo.

*Maldito Carnaval.*

Se não fosse a época do ano, estaria a desligar o telefone a Wulf e a correr atrás dela para saciar o seu principal desejo.

Dever. Como tresandava.

Suspirando, voltou de novo a atenção para a conversa.

— Digo-te, aquilo de que tenho mais saudades é das Talpinas.

— Quem são essas?

Talon lançou um olhar ávido às mulheres que saíam, rapidamente, do seu campo de visão.

— É verdade, já não são do teu tempo. Durante a maior parte da Idade das Trevas, tivemos um clã de Escudeiros cujo único propósito era atender às nossas necessidades carnis.

Talon susteve a respiração com apreço, enquanto recordava as Talpinas e o conforto que elas outrora lhe tinham dado, bem como aos seus irmãos Predadores da Noite.

— Meu, eram ótimas. Sabiam o que éramos e não tinham qualquer problema em dormir connosco. Diabos, os Escudeiros até lhes ensinavam as melhores formas de nos dar prazer.

— O que lhes aconteceu?

— Cerca de cem anos ou assim, antes de tu nasceres, um Predador da Noite cometeu o erro de se apaixonar pela sua Talpina. Para infelicidade dos restantes, ela não passou no teste de Ártemis. A deusa ficou tão furiosa que interveio e baniu as Talpinas, implementando a maravilhosa regra que dita que só podemos dormir uma vez com cada mulher. Para ajudar à festa, o Acheron criou a lei de que não podemos tocar nos nossos Escudeiros. Digo-te, ainda não viveste até teres tentado encontrar um engate de uma noite na Grã-Bretanha do século VII.

Wulf fungou.

— Para mim, isso *nunca* foi um problema.

— Sim, eu sei. Invejo-te nesse aspeto. Enquanto nós temos de nos afastar das nossas amantes sob pena de traírmos a nossa existência, tu podes libertar-te sem medo.

— Acredita em mim, Talon, não é tão bom como dizem. Tu vives sozinho por escolha. Fazes ideia de como é frustrante que ninguém se recorde de ti cinco minutos depois de teres saído do seu lado?

Wulf soltou um suspiro longo e cansado.

— A mãe do Christopher veio visitar-me três vezes, só na última semana, para poder conhecer a pessoa para quem ele trabalha. Já a conheço há quê? Trinta anos? E não nos esqueçamos daquela vez, há dezasseis anos, em que cheguei a casa e ela chamou a Polícia porque pensou que eu estava a assaltar a minha própria residência.

Talon fez uma careta perante a dor na voz de Wulf. Recordava-lhe o porquê de não se permitir qualquer sensação para além do prazer físico.

As emoções não tinham qualquer propósito na vida e ele estava muito melhor sem elas.

— Lamento, irmãozinho — disse a Wulf. — Pelo menos tens-nos a nós, e ao teu Escudeiro, que somos capazes de nos lembrar de ti.

— Sim, eu sei. Graças aos deuses pela tecnologia moderna. Caso contrário, enlouqueceria.

Talon mudou de posição na cadeira desdobrável.

— Sem querer mudar de assunto, mas viste quem a Ártemis mandou para Nova Orleães para ocupar o lugar do Kyrian?

— Ouvi dizer que foi o Valério — disse Wulf sem poder acreditar. — No que é que a Ártemis estava a pensar?

— Não faço ideia.

— O Kyrian sabe? — perguntou Wulf.

— Por razões óbvias, eu e o Acheron decidimos não lhe contar que o neto e imagem cuspidada e escarrada do homem que o crucificou e lhe destruiu a família se ia mudar para a cidade, mesmo para o fundo da rua onde ele mora. Infelizmente, no entanto, estou certo que o descobrirá mais cedo ou mais tarde.

— Humano ou não, o Kyrian vai matá-lo se os seus caminhos alguma vez se cruzarem; não é algo com que te devesse ter de preocupar nesta altura do ano.

— A quem o dizes.

— Então e quem é que ficou de serviço ao Carnaval, este ano? — perguntou Wulf.

Talon deixou cair a moeda enquanto pensava no antigo escravo greco-romano que se mudaria temporariamente para a cidade, no dia seguinte, para ajudar a combater a explosão de *daemon* que ocorria todos os anos por aquela altura. Zarek era um conhecido alimentador que ingeria sangue humano. Era no mínimo instável, no máximo psicótico. Ninguém confiava nele.

E era mesmo uma sorte para Talon ter Zarek ali, em especial tendo em conta que estava à espera da visita de uma Predadora da Noite. Estar na presença de outro Predador da Noite podia drenar-lhes os poderes, mas ele continuava a preferir poder olhar para uma mulher atraente a ter de lidar com a psicose de Zarek.

Além disso, para o que tinha em mente, ele e a Predadora não precisavam dos seus poderes de Predador da Noite...

— Vão importar o Zarek.

Wulf praguejou.

— Não pensei que o Acheron o voltasse a deixar sair do Alasca.

— Sim, eu sei, mas foi a própria Ártemis que disse que o queria aqui. Parece que vamos ter um congresso de psicóticos esta semana... Ah, espera, é Carnaval. Dah!

Wulf voltou a rir.

Por fim a empregada trouxe o café e um pequeno prato com três *beignets* carregados de açúcar em pó. Talon suspirou, agradado.

— Chegou o café? — perguntou Wulf.

— Oh, sim!

Talon cheirou o café, pousou-o e estendeu a mão na direção de um *beignet*. Mal tinha tocado no bolo quando viu algo do outro lado da rua, à direita de Jackson Square, descendo Pedestrian Mall.

- Ah, meu!
- O que foi?
- O raio do alerta Fábio.
- Hei, tu também não estás muito longe da marca, *lourinho*.
- Morde aqui, Viking.

Irritado com o seu sentido de oportunidade, Talon observou o grupo de quatro *daemon* caçando na noite. *Daemon* altos e louros que possuíam a beleza divina da sua raça. Avançavam a passos largos como pavões rufiões, inebriados pelo seu próprio poder, enquanto procuravam turistas para matar.

Por natureza, os *daemon* eram cobardes. Só se mantinham firmes e lutavam contra os Predadores da Noite quando estavam em grupo e, mesmo então, apenas em última instância. Por serem muito mais fortes do que os humanos, caçavam abertamente entre eles mas, se um Predador da Noite se aproximasse, fugiam a sete pés.

Houvera, outrora, um tempo em que não fora assim. Mas as gerações mais jovens eram mais cuidadosas do que os seus antepassados. Não eram tão bem treinadas nem tinham tantos recursos.

No entanto, eram dez vezes mais emproadas.

Talon semicerrou os olhos.

— Sabes, se fosse uma pessoa negativa, estaria bastante zangado, neste momento.

— A mim, pareces-me zangado.

— Não, isto não é zangado. Isto é uma ligeira perturbação. Além disso, devias ver estes tipos. — Talon abandonou a sua pronúncia celta enquanto inventava uma conversa entre os *daemon*. Ergueu a voz até um tom demasiado alto para ser natural. — Hei, George Lindo, acho que sinto o cheiro de um Predador da Noite.

“Oh, não, Dick” — continuou, baixando a voz dois oitavos —, “não sejas parvo. Não está aqui nenhum Predador da Noite.”

Talon regressou à sua voz de falsete.

— Não sei... Espera — disse Talon, usando mais uma vez a voz funda. — Sinto o cheiro de um turista. Um turista com uma alma grande e forte.

— Importas-te de parar?

— Verdadeiros borrões de tinta — disse Talon, usando o termo depreciativo que os Predadores da Noite tinham para os *daemon*. Um termo que tinha a sua origem na estranha marca negra que todos os *daemon* exibiam no peito, assinalando a sua passagem de simples *apollite* a assassinos de homens. — Raios, tudo o que eu queria era beber o meu café e comer um simples *beignet*.

Talon olhou melancolicamente para a sua bebida enquanto decidia qual deveria ser a prioridade.

— Café... *daemon*... café... *daemon*...

— Acho que neste caso convém que ganhem os *daemon*.

— Sim, mas é café de *chicória*.

Wulf estalou a língua.

— Talon, ansioso por ser desfeito por Acheron, por não ter sido capaz de proteger os humanos.

— Eu sei — disse ele, com um suspiro enojado. — Deixa-me ir tratar-lhes da saúde. Falamos mais tarde.

Talon levantou-se, enfiou o telefone no bolso do casaco de *motard* e olhou cobiçosamente para os seus *beignets*.

Oh, os *daemon* iam pagar por aquilo.

Dando um gole rápido no café que lhe queimou a língua, esgueirou-se por entre as mesas e abriu caminho atrás dos vampiros que avançavam na direção do edifício do Presbitério.

Com os sentidos de Predador da Noite alerta, Talon dirigiu-se ao lado oposto da praça. Ia intercetá-los e fazê-los pagar pelos seus hábitos de ladrões de almas.

E pelos *beignets* abandonados.

*Capítulo*

DOIS

**ERA** uma *daquelas* noites. O tipo de noite que fazia com que Sunshine Runningwolf se perguntasse porque se dava ao trabalho de sair do seu *loft*.

— Quantas vezes é que uma pessoa se pode perder na cidade onde viveu toda a sua vida?

O número parecia ser infinito.

Claro que ajudava se conseguisse manter-se concentrada, mas ela tinha a capacidade de atenção de uma pulga doente.

Não, na verdade tinha a capacidade de atenção de um artista, que raramente se consegue concentrar no aqui e agora. Como uma fisga fora de controlo, os pensamentos dela deslizavam de um assunto para o seguinte e de novo para o primeiro. A sua mente estava constantemente a vaguear e a analisar novas ideias e técnicas, a novidade do mundo em seu redor e a melhor forma de o captar.

Para ela havia beleza em todo lado e nas mais pequenas coisas. O seu trabalho era mostrar aos outros essa beleza.

E aquele edifício interessante que estavam a construir, duas, três ou mesmo quatro ruas atrás, tinha-a distraído e fizera-a pensar em novos *designs* para os seus trabalhos de olaria, enquanto vagueava através do Bairro Francês na direção do seu café favorito em St. Anne.

Não que ela bebesse aquela coisa nociva. Odiava-a. Mas o Coffee Stain, com o seu estilo retro-*beatnick*, tinha belas obras de arte nas paredes e os amigos dela pareciam gostar de beber litros daquele líquido semelhante a alcatrão.

Nessa noite ela e Trina iam passar por...  
A sua mente regressou ao edifício.  
Puxando do seu caderno de rascunhos, tomou mais algumas notas e virou para a sua direita, para uma viela estreita.  
Deu dois passos e chocou com uma parede.  
Só que não era uma parede, compreendeu ela, quando dois braços a envolveram, impedindo que caísse.  
Olhando para cima, congelou.  
*Ay, Caramba!* Olhava para um rosto tão bem formado que duvidava que mesmo um escultor grego fosse capaz de lhe fazer justiça.  
O cabelo cor de trigo parecia brilhar na noite e os planos do seu rosto...  
Perfeito. Simplesmente perfeito. Absolutamente simétrico. Uau!  
Sem pensar, ergueu um braço, agarrou-lhe no queixo e virou-lhe o rosto, para o poder ver de diferentes ângulos.  
Não, não se tratava de uma ilusão de ótica. Independentemente do ângulo, aquelas feições eram uma encarnação da perfeição.  
Uau, outra vez! Realmente, sem qualquer falha.  
Ela precisava de o desenhar a carvão.  
Não. A óleo. A óleo seria melhor.  
Pastel!  
— Estás bem? — perguntou ele.  
— Estou ótima — disse ela. — Desculpa. Não te vi aí parado. Sabias que o teu rosto é euritmia pura?  
Ele dirigiu-lhe um sorriso de lábios apertados, enquanto lhe tocava no ombro da capa vermelha.  
— Sim, sei. E tu, Capuchinho Vermelho, sabias que o Lobo Mau saiu para a rua esta noite e está com fome?  
O que era aquilo?  
Ela estava a falar sobre arte e ele...  
O pensamento desvaneceu-se, quando compreendeu que o homem não estava sozinho.  
Estavam ali mais quatro homens e uma mulher. Todos loucamente belos. E todos os seis a olhavam como se ela fosse um naco saboroso.  
Oh-oh!  
A garganta dela secou.  
Sunshine recuou um passo, enquanto todos os seus sentidos lhe diziam que devia fugir.  
Eles aproximaram-se mais. Prendendo-a entre eles.  
— Ora, ora, Capuchinho Vermelho — disse o primeiro. — Não te queres ir já embora, pois não?

— Hum, sim — disse ela, preparando-se para lutar. Mal sabiam eles que uma mulher que tinha por hábito namorar com tipos com pinta de *mortards* maus era mais do que capaz de desferir um pontapé rápido quando era preciso. — Acho que essa seria uma ideia  *muito* boa.

Ele tentou agarrá-la.

Vindo do nada, um objeto circular silvou junto ao rosto dela, raspan-do no braço esticado dele. O homem praguejou, aproximando do peito o braço a sangrar. O objeto fez ricochete na parede, como o *chakram* da Xena, e regressou à entrada da viela onde uma sombra o apanhou.

Sunshine ficou de boca aberta perante o perfil do homem. Todo vestido de preto erguia-se, de pernas afastadas, em pose de guerreiro, enquanto a sua arma brilhava diabólica na luz ténue.

Embora ela nada conseguisse ver do rosto dele, a sua aura em constante mutação era gigantesca, o que lhe transmitia uma presença tão perturbadora como poderosa.

Aquele novo estranho era perigoso.

Mortal.

Uma sombra letal à espera para atacar.

Ele erguia-se em silêncio, olhando para os seus atacantes, segurando a arma, de forma descontraída mas algo ameaçadora, na mão esquerda.

Então, quando os homens que a rodeavam se lançaram ao recém-chegado, rebentou o caos ...

Talon pressionou o botão do seu *srad* e dobrou as suas três lâminas para que formassem um único punhal. Tentou chegar à mulher, mas os *daemon* atacaram-no em conjunto. Normalmente não teria qualquer problema em destruí-los, mas o Código dos Predadores da Noite proibia-o de revelar os seus poderes a um humano não iniciado.

Raios.

Por um segundo, considerou a hipótese de conjurar um nevoeiro para os esconder, mas isso tornaria o combate com os *daemon* mais difícil.

Não, não lhes podia dar qualquer vantagem. Enquanto a mulher ali estivesse, estava a lutar com as mãos atadas atrás das costas, o que, tendo em conta a força sobre-humana e o poder dos *daemon*, não era, de todo, uma boa ideia. Sem dúvida tinha sido por isso que eles o tinham atacado.

Por uma vez, eles tinham, de facto, uma hipótese de o derrotar.

— Corre — ordenou à humana.

Ela começava a obedecer-lhe, quando um dos *daemon* a agarrou. Com um pontapé na virilha e um golpe nas costas quando ele se dobrou, a mulher derrubou o *daemon* e fugiu.

Talon arqueou uma sobrancelha ao testemunhar o movimento dela. Suave, muito suave. Sempre gostara de uma mulher que se soubesse defender.

Usando os seus poderes de Predador da Noite, conjurou uma parede de nevoeiro atrás dela, para a proteger dos *daemon* que se concentravam, agora, nele.

— Até que enfim — disse para o grupo. — Estamos completamente sozinhos.

Aquele que parecia ser o líder atirou-se a ele. Talon usou os seus poderes telecinéticos para erguer o *daemon* no ar, o fazer rodar, de cabeça para baixo, e o lançar contra uma parede.

Outros dois lançaram-se a ele.

Talon apanhou um com o seu *srad*, ao outro deu uma joelhada.

Abriu caminho por entre aqueles dois sem dificuldade e preparava-se para apanhar o seguinte quando reparou que o mais alto dos *daemon* estava a correr atrás da mulher.

A distração momentânea teve o seu preço, já que outro *daemon* o atacou e o atingiu no plexo solar. A força do golpe fê-lo recuar e perder o equilíbrio.

Talon absorveu a força do golpe e endireitou-se.

— Agora! — gritou a mulher *daemon*.

Antes que Talon conseguisse recuperar completamente o seu equilíbrio, um outro *daemon* agarrou-o pela cintura e empurrou-o para trás, na direção da estrada.

*Precisamente para o caminho de um veículo gigantesco que avançava tão depressa que ele nem fora capaz de o identificar.*

Algo que assumiu ser a grelha do veículo bateu-lhe na perna direita, esmagando-a instantaneamente.

O embate fê-lo cair para a frente, para o chão.

Talon rolou durante quase cinquenta metros, depois parou sob um candeeiro, de bruços, enquanto o veículo negro avançava rua abaixo, para fora do seu raio de visão. Estava deitado com a face esquerda contra o asfalto amargo, as mãos abertas ao lado do corpo.

Todo ele doía e latejava, quase não se conseguia mover, tal era a dor. Pior, a cabeça pulsava, enquanto lutava para se manter consciente.

Mas era difícil.

*Um Predador da Noite inconsciente é um Predador da Noite morto.* Recordou-se da quinta regra do guia de Acheron. Tinha de continuar acordado.

Com os poderes a vacilar, devido à dor provocada pelos ferimentos, o escudo de nevoeiro começou a dissipar-se.

Talon praguejou. Sempre que sentia um qualquer tipo de emoção negativa os seus poderes diminuam. Era outra das razões porque as mantinha sob um controlo tão apertado.

As emoções eram-lhe fatais a mais do que um nível.

Lenta, cuidadosamente, Talon esforçou-se por se levantar, ao mesmo tempo que via os *daemon* fugir ao longo de uma outra viela. Não havia nada a fazer. Nunca os conseguiria apanhar naquele estado e, mesmo que conseguisse, não poderia fazer mais do que sangrar em cima deles.

Claro que o sangue dos Predadores da Noite era venenoso para os *daemon*...

Merda. Nunca antes tinha falhado.

Cerrando os dentes, Talon lutou contra as vertigens que o consumiam.

A mulher que tinha salvo correu na sua direção. Pelo ar confuso estampado no seu rosto, podia perceber que ela não sabia como ajudá-lo.

Agora que a podia ver mais de perto, ficou encantado com o seu rosto de duende. Um fogo e uma inteligência ardiam no fundo dos seus grandes olhos castanho-escuros. Ela fazia-o pensar em Morigán, a deusa corvo, a quem ele entregara a sua espada e a quem jurara lealdade tantos séculos antes, quando ainda era humano.

O longo cabelo liso e preto caía-lhe em tranças de vários tamanhos em redor da cabeça. E tinha um risco de carvão numa das bochechas. Num impulso, passou a mão sobre ele e limpou-lhe o rosto.

A pele dela era tão macia, tão quente e tinha um estranho odor a pachuli e terebintina.

Que estranha combinação...

— Oh, meu Deus, estás bem?! — perguntou a mulher.

— Sim — disse Talon, baixinho.

— Vou chamar uma ambulância — disse ela.

— *Nae!* — disse Talon na sua própria língua, o corpo protestando perante o gesto. — Ambulância, não — acrescentou em inglês.

A mulher franziu o sobrolho.

— Mas estás ferido...

Ele susteve o olhar dela com firmeza.

— Ambulância, não.

Ela olhou-o desconfiada, até que os seus olhos inteligentes se iluminaram, como se ela tivesse tido uma epifania.

— És um imigrante ilegal? — sussurrou.

Talon aproveitou a única desculpa que lhe podia dar. Com o seu sotaque celta, antigo e pesado, tratava-se de uma conclusão natural. Aceitou.

— Está bem — sussurrou-lhe ela, enquanto lhe tocava gentilmente no braço. — Cuidarei de ti sem ambulância.

Talon esforçou-se por se afastar da luz forte que lhe magoava os olhos fotossensíveis. A perna partida protestou, mas ele ignorou-a.

Coxeou até junto de um edifício de tijolo onde se podia encostar e aliviar a pressão sobre a perna ferida. Uma vez mais o mundo se inclinou.

Raios. Precisava de ir para um local seguro. A noite ainda era uma criança, mas a última coisa de que precisava era de ficar preso na cidade depois do nascer do sol. Sempre que um Predador da Noite se magoava, sentia uma vontade de dormir que não era natural. Tratava-se de uma necessidade que o deixaria perigosamente vulnerável, se não regressasse a casa em breve.

Agarrou no telemóvel para informar Nick Gautier de que estava ferido e depressa se apercebeu que, ao contrário de si, o telemóvel não era imortal. Estava feito em pedaços.

— Vem — disse a mulher, colocando-se ao lado dele. — Deixa-me ajudar-te.

Talon olhou para ela. Nunca um estranho o tinha ajudado assim. Estava habituado a travar as suas próprias batalhas e a lidar sozinho com o que delas resultasse.

— Eu estou bem — disse ele. — Vai fazer o que...

— Não te vou deixar — disse ela. — Magoaste-te por causa de mim.

Ele queria contra-argumentar, mas o corpo latejava demasiado para que se importasse.

Talon tentou afastar-se da mulher. Deu dois passos e, uma vez mais, o mundo começou a mover-se.

De repente, ficou tudo negro.

Sunshine quase não conseguia apanhar o homem, antes que este caísse no chão. Cambaleou, tal era o seu tamanho e o seu peso, mas, de alguma maneira, conseguiu impedi-lo de cair.

Tão suavemente quanto lhe foi possível, pousou-o no passeio.

Note-se que disse *tão suavemente quanto* lhe foi possível.

Na verdade, ele embateu no passeio com bastante força, fazendo-lhe doer o coração, quando a cabeça dele quase abriu um buraco no passeio.

— Desculpa — disse ela, endireitando-se para olhar para ele. — Por favor, diz-me que não te provoquei um traumatismo.

Desejou não o ter magoado ainda mais com as suas tentativas de ajuda.

O que é que ia fazer agora?

O imigrante ilegal, com ar de *motard* e todo vestido de preto, era enorme. Não se atrevia a deixá-lo na rua, sem cuidados. E se os seus atacantes voltassem? Ou se um qualquer rufia de rua o espantasse?

Aquela era Nova Orleães, onde podia acontecer quase tudo a uma pessoa enquanto esta se encontrava consciente.

Inconsciente...

Bem, não havia como dizer o que os seres duvidosos lhe poderiam fazer, por isso deixá-lo sozinho não era uma opção.

Quando o pânico começava a levar a melhor, ouviu alguém chamá-la pelo nome.

Olhou à sua volta e viu o velho *Dodge* Ran azul de Wayne Santana encostar ao passeio. Aos trinta e três anos, Wayne tinha um rosto de uma beleza rude que o fazia parecer muito mais velho. O cabelo preto estava generosamente mesclado de cinzento.

Suspirou de alívio por o ver ali.

Ele abriu o resto da janela e inclinou-se para o exterior.

— Olá, Sunshine, o que se passa?

— Wayne, ajudas-me a meter este tipo na tua carrinha?

Ele parecia muito cético.

— Está bêbedo?

— Não, está ferido.

— Então devias chamar uma ambulância.

— Não posso. — Olhou para ele, implorando. — Por favor, Wayne? Preciso de o levar para minha casa.

— É teu amigo? — perguntou, com um ceticismo crescente.

— Bem, não. Digamos que colidimos um com o outro.

— Então deixa-o. A última coisa de que precisas é de te envolver com outro *motard*. O que quer que lhe aconteça não é da nossa conta.

— Wayne!

— Pode ser um criminoso, Sunshine.

— Como podes dizer tal coisa?

Wayne tinha sido condenado por homicídio involuntário dezassete anos antes. Depois de ter cumprido a sua pena, passou vários meses a tentar arranjar um emprego. Sem dinheiro, lugar para viver e alguém disposto a contratar um ex-condenado para fazer o que quer que fosse, estava prestes a cometer um novo crime, para regressar à prisão, quando se candidatou a um emprego no clube do pai dela.

Apesar dos protestos do pai, Sunshine contratara-o.

Cinco anos depois, Wayne nunca faltara ao trabalho nem chegara atrasado. Era o melhor empregado do pai.

— Por favor, Wayne? — pediu, dirigindo-lhe o olhar de cachorrinho

que fazia sempre com que os homens na sua vida se vergassem perante a sua vontade.

Enquanto saía da carrinha para a ajudar, Wayne fez uma série de ruídos irritados.

— Um dia destes esse teu grande coração vai meter-te em sarilhos. Sabes *alguma coisa* sobre este homem?

— Não. — Tudo o que sabia é que ele tinha salvo a sua vida, quando mais ninguém se teria incomodado. Decerto, um tal homem não a magoaria.

Wayne e ela lutaram para levantar o desconhecido, mas não foi fácil.

— Bolas — murmurou Wayne, enquanto cambaleavam com o homem entre eles. — O tipo é enorme e pesa uma tonelada.

Sunshine concordou. O homem tinha, pelo menos, um metro e noventa e cinco de músculos secos e sólidos. Mesmo com o grosso casaco de cabedal a esconder o torso, não restavam quaisquer dúvidas sobre o facto de ser bem tonificado e musculoso.

Nunca na sua vida sentira um corpo tão duro, parecia aço.

Com algum esforço conseguiram, por fim, colocá-lo na carrinha.

Enquanto se dirigiam para o clube do pai dela, Sunshine segurava a cabeça do estranho com o ombro e afastava o cabelo louro e ondulado das suas feições cinzeladas.

Havia algo de selvagem e indomável nele que a fazia pensar num qualquer guerreiro antigo. O cabelo louro chegava-lhe aos ombros, num estilo solto que dizia que estava atento à sua aparência, mas não obcecado.

Sobrancelhas castanho-escuras formavam um arco sobre os seus olhos fechados. A barba de um dia transmitia ao seu rosto uma rudeza deliciosa. Mesmo inconsciente, era atraente e lindo de morrer, e a sua proximidade agitava algo dentro dela.

Mas o que mais apreciava naquele estranho era o seu cheiro quente, masculino, a cabedal. Fazia-a desejar encostar o nariz ao pescoço dele e inalar a mistura arrebatadora até ficar ébria.

— Então — disse Wayne enquanto conduzia. — O que é que lhe aconteceu? Sabes?

— Foi atropelado por um carro alegórico de Carnaval.

Mesmo na luz ténue da cabina da carrinha, ela podia ver que Wayne olhava para ela com uma expressão que dizia “estás louca?”

— Hoje não há desfile. De onde é que o carro saiu?

— Não sei. Acho que ele deve ter contrariado os deuses ou algo assim.

— Huh?

Ela passou a mão pelo cabelo louro e despenteado do homem e brincou com as duas tranças que lhe pendiam da têmpora esquerda, enquanto respondia à pergunta de Wayne.

— Era um grande carro alegórico de Baco. Só estava a pensar que este pobre tipo deve ter ofendido o deus patrono do excesso para ter sido atropelado por ele.

Wayne sussurrou.

— Deve ser mais uma partida de uma fraternidade qualquer. Parece que todos os dias um deles rouba um carro alegórico e o leva para um passeio. Pergunto-me onde o deixarão estacionado desta vez?

— Bem, tentaram estacioná-lo em cima aqui do meu amigo. Estou feliz por não o terem morto.

— Tenho a certeza que ele também estará, quando acordar.

Sem dúvida. Sunshine encostou a bochecha à cabeça do estranho e escutou a sua respiração lenta e profunda.

O que é que ele tinha que ela achava tão irresistível?

— Bem — disse Wayne, depois de um breve silêncio. — O teu pai vai ficar furo com isto. Vai comer as minhas bolas ao jantar quando descobrir que levei um estranho para tua casa.

— Então não lhe digas.

Wayne lançou-lhe um olhar malicioso e maldoso.

— Não posso não lhe dizer. Se te acontecesse alguma coisa, a culpa seria minha.

Ela suspirou com irritação enquanto percorria a linha afiada das sobrancelhas arqueadas do estranho. Porque é que ele lhe parecia tão familiar? Ela nunca o vira antes e, no entanto, tinha uma sensação de *déjà vu*. Como se, de alguma forma, já o conhecesse.

Esquisito. Muito, muito esquisito.

Mas, por outro lado, ela já estava habituada a coisas esquisitas. A mãe tinha escrito um livro sobre o assunto e Sunshine tinha redefinido o conceito.

— Já sou uma menina crescida, Wayne, sou capaz de tomar conta de mim.

— Sim, e eu vivi, durante doze anos, com um bando de tipos grandes e peludos que faziam uma festa com meninas como tu, que se achavam capazes de tomar conta de si.

— Ótimo — disse ela. — Pomo-lo na minha cama e eu vou dormir a casa dos meus pais. Depois, de manhã, vou ver como ele está e levo comigo a minha mãe e um dos meus irmãos.

— E se ele acordar antes de tu chegares e te roubar tudo?

— Roubar o quê? — perguntou ela. — As minhas roupas não lhe ser-

viriam e eu não tenho nada de valor. Não, a menos que ele goste da minha coleção de Peter, Paul and Mary.

Wayne revirou os olhos.

— Está bem, mas é bom que me jures que não lhe darás oportunidade para te magoar.

— Prometo.

Wayne não parecia satisfeito mas manteve-se, tecnicamente, em silêncio enquanto os conduzia na direção do *loft* dela em, Canal Street. Na verdade, praguejou baixinho o caminho todo.

Felizmente, Sunshine estava habituada a ignorar os homens que faziam isso quando estavam perto dela.

Ao chegarem ao *loft*, que ficava logo por cima do bar do pai, precisaram de uns bons quinze minutos para tirarem o estranho da carrinha e o levarem para casa dela.

Sunshine guiou Wayne através do *loft* até à zona delimitada por um tecido de algodão tingido de rosa, que ela pendurara num arame para separar o espaço para dormir da área restante.

Cuidadosamente, deitaram o hóspede desconhecido na cama dela.

— Bem, vamos embora — disse Wayne, pegando nela por um braço.

Sunshine encolheu gentilmente os ombros, afastando o toque dele.

— Não o podemos deixar assim.

— Porque não?

— Está coberto de sangue.

O rosto de Wayne mostrava a sua exasperação. Era uma expressão que todos os que a rodeavam acabavam por assumir, mais cedo ou mais tarde; pronto, normalmente era mais cedo.

— Vai-te sentar no sofá e deixa-me despi-lo.

— Sunshine...

— Wayne, tenho vinte e nove anos, sou uma artista divorciada que tirou desenho de nus na faculdade, e fui criada com dois irmãos mais velhos. Sei qual a aparência de um homem nu. Está bem?

Emitindo um ruído baixo e gutural, saiu do quarto e sentou-se no sofá.

Sunshine respirou fundo quando se voltou para o seu herói vestido de negro. Parecia enorme na sua cama.

Estava uma desgraça absoluta.

Lentamente, para não o magoar, aproximou-se para desapertar o casaco de motard, que era a coisa mais gira que alguma vez vira. Alguém pintara arabescos celtas, dourados e vermelhos, por todo o casaco. Era simplesmente lindo. Um verdadeiro estudo da antiga arte, e ela bem o sabia.

Durante toda a sua vida, sentira-se atraída por coisas celtas. Adorava experimentar a sua arte e a sua cultura.

Mal desapertou o casaco parou, em choque, ao constatar que ele não usava nada por baixo. Nada a não ser a pele sensual e bronzeada, que lhe fez crescer água na boca e pulsar o corpo. Só em filmes tinha visto um homem com um corpo tão duro e tonificado. Todos os músculos estavam bem definidos e, mesmo relaxado, a sua força era evidente.

O homem era um verdadeiro deus!

Desejou desenhar aquelas proporções perfeitas e imortalizá-las. Um corpo tão belo merecia, sem dúvida, ser preservado. Tirou-lhe o casaco e pousou-o com cuidado na cama.

Acendendo o candeeiro pousado na mesa-de-cabeceira, coberta por um lenço, olhou-o demoradamente e o que viu deixou-a sem palavras.

*Ca-ram-ba!*

Era ainda mais belo do que as pessoas que a tinham atacado. O cabelo louro e ondulado encaracolava, adequadamente, junto da nuca e duas tranças longas e finas pendiam até ao peito desnudo. Tinha os olhos fechados, mas as pestanas negras eram pecaminosamente longas. O rosto era esculpido com perfeição, de sobrancelhas altas e arqueadas, e ele tinha um aspeto digno, embora indomado.

Mais uma vez, sentiu uma estranha sensação de *déjà vu*, enquanto a sua mente viajava para uma imagem dele, acordado e deitado sobre ela. Dele a sorrir-lhe enquanto deslizava, lentamente, para dentro e para fora dela...

Sunshine lambeu os lábios perante tal pensamento, enquanto pulsava de doloroso desejo.

Há já muito tempo que não se sentia assim tão atraída por um estranho. Mas havia algo naquele homem que a fazia desejar realmente prová-lo.

*Rapariga, estás há tempo demais sem um homem.*

Infelizmente estava mesmo.

Sunshine franziu o sobrolho quando se aproximou e viu melhor o torque que ele usava em redor do pescoço. Em ouro maciço, tinha duas cabeças de dragão celtas que olhavam uma para a outra.

O mais estranho era o facto de ela ter esboçado aquele mesmo desenho, anos antes, na faculdade de belas-artes e de até ter tentado forjar um torque para si mesma, mas a peça acabara por se revelar um desastre. Era preciso ter muito talento no trabalho com metal para fazer algo tão intrincado.

Ainda mais impressionante era a tatuagem tribal que cobria todo o lado esquerdo do seu torso, incluindo o braço esquerdo. Era um labirinto

glorioso de arte celta que a fazia recordar o *Livro de Kells*. E, se não se enganava, tratava-se de um tributo à deusa celta da guerra, Morrígan.

Sem pensar, passou a mão sobre a sua tatuagem, seguindo o desenho intrincado.

O braço direito tinha uma faixa de sete centímetros e meio de arabescos em redor do bíceps.

Incrível. Quem lhe desenhara aquelas tatuagens conhecia, sem dúvida, a história celta.

E, enquanto lhe passava o dedo pelo mamilo, foi arrancada à apreciação artística do desenho.

A mulher nela tomou o lugar da artista, enquanto o seu olhar percorria as costelas magras e musculosas e os abdominais tão duros e bem desenhados que deviam fazer parte de um espetáculo de culturismo.

Oh, sim, este era um belíssimo homem!

Embora tivesse muito sangue nas calças, não parecia existir nenhum ferimento. Agora que pensava nisso, nem sequer tinha muitas feridas. Nem mesmo no local onde a carrinha de Baco chocara contra ele.

Como era estranho!

Com a garganta seca, Sunshine levou a mão à braguilha dele.

Parte dela mal podia esperar para ver o que se encontrava sob aquelas calças pretas.

*Boxers* ou cuecas?

Se até aqui ele era tão firme, só podia ficar melhor...

*Sunshine!*

Tratava-se apenas de uma apreciação artística do corpo dele, disse a si mesma.

Sim, pois claro!

Ignorando tal pensamento, abriu-lhe as calças e descobriu que ele não usava nada por baixo delas.

*Sentido!*

O rosto dela ruboresceu perante a sua muitíssimo dotada masculinidade, aninhada contra caracóis de um louro escuro.

*Oh, vamos, Sunshine, não é primeira vez que vêes um tipo nu! Jesus! Em seis anos de Belas-artes viste homens nus em abundância. E saíste com muitos deles, já para não dizer que o ex-ogre, Jerry, não era exatamente pequeno.*

Sim, mas nenhum deles tinha tão bom aspeto.

Mordendo o lábio, tirou-lhe as pesadas botas *Harley* pretas, depois fez deslizar as calças ao longo das suas pernas longas e musculosas. Sibilou quando as suas mãos entraram em contacto com a pele dele, coberta de pequenos pelos louros.

*Oh, sim, ele era, sem dúvida, sensual e belo.*

Enquanto dobrava as calças, fez uma pausa e passou a mão pelo tecido. Eram feitas do material mais macio que ela alguma vez tocara. Quase como camurça, mas diferente. Era uma textura estranha. Era impossível que se tratasse de cabedal verdadeiro. Eram tão finas e...

Os seus pensamentos interromperam-se quando o viu deitado na sua cama.

Oh, sim! Ora, aquela era a fantasia de qualquer mulher. Um homem nu, lindo, à sua mercê.

Estava deitado sobre a manta cor-de-rosa, com um dos braços bronzeados pousado sobre o estômago, as pernas ligeiramente afastadas, como se esperasse que ela se lhe juntasse e percorresse com as mãos o seu corpo seco e duro.

Era delicioso de se ver.

Inspirou o ar por entre os dentes, enquanto ansiava por subir para cima daquele corpo forte e magnífico e se deitar sobre ele como um cobertor. Sentir aquelas mãos grande e fortes na sua pele, enquanto o guiava para dentro do seu corpo e fazia amor com ele durante o resto da noite.

Hummmm!

Os lábios dela ardiam por provar aquela maravilhosa pele dourada. E toda a sua pele era dourada. O seu corpo não apresentava qualquer marca de bronzeado.

*Dá-me!*

Sunshine abanou a cabeça para a desanuviar. Meu Deus, estava a agir como uma verdadeira tolinha.

E no entanto...

Havia algo de especial em relação àquele homem. Algo que a atraía como o canto de uma sereia.

— Sunshine?

Ela saltou ao ouvir o chamamento impaciente de Wayne. Tinha-se esquecido completamente da sua presença.

— Só um minuto — disse ela.

*Só quero dar mais uma olhadela.* Uma mulher precisa de lavar a vista, de vez em quando, e quantas vezes é que uma mulher tem a oportunidade de lavar a vista com um esbelto deus inconsciente?

Resistindo ao impulso de acariciar o seu hóspede, tapou-o com um cobertor, pegou no casaco que tinha pousado na cama e saiu do quarto.

Enquanto se dirigia para o sofá, estudou as calças ensanguentadas. De onde viera o sangue?

Antes que pudesse investigar mais aprofundadamente as calças, Wayne arrancou-lhas das mãos e tirou a carteira do bolso de trás.

— O que é que estás a fazer? — perguntou ela.

— A investigar. Quero ver quem é este tipo. — Wayne abriu a carteira e franziu o sobrolho.

— O que é?

— Vejamos, setecentos e trinta e três dólares em dinheiro e nada que o identifique. Nem sequer uma carta de condução ou um cartão de débito ou crédito. — Wayne tirou um enorme punhal do outro bolso e pressionou o botão que abriu a arma, libertando três lâminas que formaram um círculo de aspeto letal. Wayne praguejou ainda mais alto. — Merda, Sunshine, acho que deste de caras com um traficante.

— Ele não é um traficante.

— Ah, sim, como é que sabes?

*Porque os traficantes não salvam mulheres de grupos de violadores.* Mas não se atreveu a dizer isso a Wayne. O único resultado seria um sermão para ela e uma indignação para ele.

— Sei, simplesmente. Agora põe isso onde estava.

— **ENTÃO?** — perguntou Camulus a Dionísio, quando este entrou no quarto de hotel.

Styxx levantou os olhos da revista ao escutar aquela voz. O deus celta, Camulus, tinha estado sentado no sofá à sua frente, na suite do hotel, enquanto esperavam por notícias.

Envergando calças de cabedal pretas e uma camisola cinzenta, a antiga divindade não parara de mudar os canais da televisão desde que Dionísio saíra, fazendo com que Styxx desejasse arrancar-lhe o comando da mão e atirá-lo para cima da mesinha de centro em ferro e vidro.

Mas só um louco arrancava um comando a um deus.

Styxx podia desejar a morte, mas não tinha qualquer vontade de ser impiedosamente torturado antes de morrer.

Assim sendo, Styxx cerrara os dentes e fizera o melhor que podia para ignorar Camulus e esperar pelo regresso de Dionísio.

Camulus usava o longo cabelo negro puxado para trás num rabo-de-cavalo. Havia nele algo de diabólico e mau, mas também, tendo em conta que se tratava do deus da guerra, era compreensível.

Dionísio parou a pouca distância da porta. Despiu o longo casaco de caxemira com um encolher de ombros, depois tirou as luvas de cabedal preto.

Com quase dois metros e dez, o deus do vinho e do excesso era uma imagem intimidante para quase qualquer pessoa. Mas Styxx tinha apenas menos cinco centímetros e, sendo filho de um rei, e um homem que ansiava pela morte, havia muito pouco que o intimidasse.

O que podia Dionísio fazer? Mandá-lo de volta para o seu infernal isolamento?

Já lá tinha estado, já o tinha feito, e ainda tinha a *t-shirt* do Ozzy como prova.

Dionísio envergava um casaco de *tweed*, uma camisola de gola alta azul-escura e calças de fato castanhas. O cabelo castanho-escuro curto era realçado na perfeição por nuances louras e tinha uma barbinhas imaculada. Tinha o aspeto de um magnata milionário de sucesso e era, de facto, o presidente de uma multinacional, o que permitia ao deus divertir-se a arrasar com a concorrência e a ficar com os seus negócios.

Forçado a reformar-se, contra a sua vontade, há séculos, Dionísio dividia o seu tempo entre o Olimpo e o mundo mortal, que odiava quase tanto como Styxx.

— Responde à minha pergunta, Baco — disse Camulus. — Não sou um dos teus gregos sem tomates para ficar à espera de uma resposta.

Os olhos de Dionísio iluminaram-se de raiva.

— É melhor dirigires-te a mim num tom mais civilizado, Cam. Não sou um dos teus flácidos celtas para tremer de terror da tua raiva. Se queres lutar, rapaz, vamos a isso.

Camulus levantou-se de um salto.

— Hei, esperem um segundo — disse Styxx, tentando acalmá-los. — Deixemos as lutas para quando tomarem conta do mundo, está bem?

Os deuses olharam para ele, como se fosse louco por se ter metido entre ambos.

Sem dúvida que era. Mas se eles se matassem um ao outro, ele próprio nunca morreria.

Cam olhou para Dionísio.

— O teu animal de estimação tem razão — disse. — Mas, quando eu recuperar a minha divindade, vamos ter uma conversa.

O brilho nos olhos de Dionísio dizia que ele mal podia esperar.

Styxx inspirou fundo.

— Então, a mulher está com Talon? — perguntou a Dionísio.

Dionísio sorriu friamente.

— Foi perfeito. — Olhou para Camulus. — Tens a certeza que isto o vai imobilizar?

— Eu nunca disse que isto o ia imobilizar. Disse que o ia neutralizar.

— Qual é a diferença? — perguntou Styxx.

— A diferença é que ele se vai tornar uma distração e uma preocupação ainda maior para Acheron. Mais uma forma de apressar o fim do Atlante.

Styxx gostava da forma como aquilo soava.

Agora, só tinham que se assegurar de que o Predador da Noite e a mulher continuavam juntos. Pelo menos até ao Carnaval, altura em que

a fronteira entre este mundo e Kolasis seria suficientemente fina para ser rasgada, de forma a poderem libertar a Destruidora Atlante do seu cativo.

Tinham passado seiscentos anos desde a última vez que isso acontecera e seriam precisos mais oitocentos anos para que voltasse a acontecer.

Styxx estremeceu perante a ideia de viver mais oitocentos anos. Mais oitocentos anos de solidão, interminável monotonia e dor. De ver os seus protetores irem e virem, envelhecerem e morrerem, passando as suas vidas mortais rodeados pela família e pelos amigos.

Não sabiam a sorte que tinham.

Enquanto humano, houvera um tempo em que temera a morte. Mas isso tinha sido há milénios.

Agora, a única coisa que Styxx temia era nunca conseguir escapar ao horror da sua existência. Continuar a viver, século após século, até que o próprio Universo explodisse.

Queria sair e, até há trinta anos, não tivera qualquer esperança de o conseguir.

Agora tinha.

Dionísio e Camulus queriam reclamar a sua divindade e precisavam do sangue da Destruidora e de Acheron para o conseguir. Era uma pena que Styxx não tivesse nas suas veias sangue atlante, caso contrário ter-se-ia oferecido para o sacrifício.

No presente estado das coisas, só Acheron possuía a chave para a libertação da Destruidora.

Styxx era a única criatura viva que lhes podia entregar Acheron.

Só mais alguns dias e tudo seria corrigido. Os antigos poderes regressariam para dominar a terra e ele...

Ele estaria, por fim, livre.

Styxx suspirou, em doce expectativa. Tudo o que tinha de fazer era pôr os Predadores da Noite uns contra os outros e mantê-los distraídos, enquanto impedia que os deuses se matassem um ao outro.

Se Talon ou Acheron compreendessem o que se estava a passar, impedi-lo-iam. Só eles possuíam o poder para o fazer.

Era ele contra eles e desta vez, desta vez, ia acabar aquilo que tinha começado onze mil anos antes.

Quando terminasse, os Predadores da Noite ficariam sem liderança.

Ele ficaria livre e a terra, tal como a conheciam, seria um local completamente novo.

Styxx sorriu.

Só mais alguns dias...

*Capítulo*

TRÊS

**TALON** acordou com o braço a arder.

Sibilando, afastou a mão da luz do sol que jorrava através da janela, até uma cama extremamente cor-de-rosa. Chegou-se para trás, contra a cabeceira da cama de vime branco para evitar que qualquer outra parte do seu corpo entrasse em contacto com os raios mortais.

Soprou ar frio sobre a mão, mas esta continuava a arder e latejar.

Onde raios estava ele?

Pela primeira vez em vários séculos, sentiu uma onda de incerteza varrê-lo.

Talon nunca estava fora do seu elemento. Nunca estava fora de controlo. Toda a sua vida fora uma vida de equilíbrio e moderação extremos.

Nunca, durante a sua existência de Predador da Noite, se sentira inseguro ou confundido.

Mas naquele momento não fazia ideia de onde se encontrava, da hora do dia, ou de quem eram as mulheres, cujas vozes ouvia do outro lado das cortinas cor-de-rosa.

Semicerrando os olhos contra a brilhante luz do sol que os penetrava dolorosamente, olhou à sua volta para o quarto estranho, e compreendeu que estava preso entre duas janelas abertas. Sentiu o coração bater com mais força. Não havia nenhuma forma segura de sair da cama. A única direção para onde podia seguir era para esquerda, até ao canto ocupado por uma mesa-de-cabeceira cor-de-rosa.

Maldição.

Através da dor latejante na sua cabeça, a noite anterior flutuou até si com uma clareza chocante. O ataque.

A mulher...

Um grande “não-sei-o-quê” a chocar contra ele.

Embora o seu corpo latejasse e estivesse dorido, os seus poderes de Predador da Noite tinham-lhe permitido sarar enquanto dormia. Dentro de poucas horas, mesmo a dor teria passado.

Até lá, precisava de sair daquela armadilha solar. Fechando os olhos, Talon invocou uma grande nuvem negra para cobrir o sol, de maneira a que a brilhante luz do dia deixasse de gerar o caos na sua visão.

Se quisesse, podia conjurar nuvens suficientes para tornar o céu diurno tão negro como a noite. Mas não lhe serviria de muito.

A luz do dia continuava a ser a luz do dia.

Os seus poderes únicos como Predador da Noite garantiam-lhe um grande controlo sobre os elementos, o tempo e a cura, mas não sobre o domínio de Apolo. Fosse claro ou escuro, o dia continuava a pertencer a Apolo e mesmo que este, tecnicamente, se tivesse reformado, o deus grego jamais toleraria que um Predador da Noite andasse a passear durante o seu turno.

Se Apolo o visse no exterior ou perto de uma janela, durante o dia, depressa Talon não seria mais do que uma tira de toucinho frito sobre o passeio.

Celta extra-estaladiço era algo que não lhe agradava nem um bocadinho.

Quando os olhos deixaram de lhe arder, Talon fez um movimento para sair da cama, depois parou. Não havia nada entre ele e os lençóis com cheiro a pachuli e terebintina.

*O que é que aconteceu às minhas roupas?* Ele estava bastante seguro de que não se tinha despedido na noite anterior.

Teriam eles...?

Franziu o sobrolho enquanto vasculhava nas suas memórias. Não, não era possível. Se ele estivesse suficientemente acordado para ter relações com ela, também estaria suficientemente acordado para sair daquele lugar muito antes do nascer do sol.

— Onde é que está?

Ele ergueu os olhos ao ouvir a voz desconhecida do outro lado do tecido tingido de cor-de-rosa, que estava pendurado de maneira a formar uma parede em redor da cama.

Dois segundos depois, o pano foi afastado revelando uma mulher atraente que parecia ter trinta e muitos anos. O longo cabelo preto estava preso numa trança grossa e trazia vestida uma longa e esvoaçante saia preta e uma túnica da mesma cor.

A sua aparência era extraordinariamente semelhante à da mulher que conhecera na noite anterior. E, à primeira vista, seria fácil confundi-la com a sua homóloga mais nova.

— Hei, Sunshine, o teu amigo está acordado. Como é que ele se chama?

— Não sei, Starla. Não perguntei.

*Oh, isto estava a ficar cada vez mais estranho.*

Nada perturbada pela sua presença, a mulher avançou até ao lado da cama, onde se encontrava a mesa-de-cabeceira.

— Tens cara de Steve — disse, enquanto se dobrava, levantava os lenços cor-de-rosa e começava a escavar por entre uma pilha de revistas escondidas sob eles. — Tens fome, Steve?

Antes que pudesse responder, ela ergueu a voz.

— Não está aqui.

— Está por baixo dos números antigos da *Art Papers*.

— Não está aqui.

Sunshine entrou no quarto. Deslocando-se com a graça de uma princesa delicada, envergava um vestido roxo de mangas compridas de uma cor tão garrida que ele foi obrigado a semicerrar os olhos. Quando ela passou em frente à janela, ele apercebeu-se que o material era deveras transparente, oferecendo-lhe uma agradável visão das suas curvas sensuais e amplas e permitindo-lhe constatar que ela não usava nada por baixo do vestido.

Nada, para além da sua pele bronzeada.

Sentiu a garganta secar.

Ela estava a limpar tinta das mãos com uma toalha, enquanto avançava para a mesa-de-cabeceira, sem lhe dirigir, sequer, um olhar.

— Está aqui mesmo — disse ela, puxando uma revista e entregando-a à mulher mais velha.

Por fim, Sunshine olhou para a cama e cruzou o seu olhar com o dele.

— Tens fome?

— Onde estão as minhas roupas?

Ela trocou um olhar embaraçado com Starla.

— Perguntaste-lhe o nome?

— É Steve.

— Não é Steve.

Sunshine não lhe prestou qualquer atenção, limitando-se a virar Starla até esta ficar de frente para ele. Ambas as mulheres o fitaram, deitado na cama, como se ele não passasse de uma curiosidade inanimada.

Talon puxou o lençol cor-de-rosa até um pouco acima da cintura. Depois, sentindo-se subitamente constrangido, levou a perna nua para de-

baixo do lençol e dobrou o joelho para que o centro do seu corpo não se apresentasse de forma tão óbvia sob o fino algodão.

Ainda assim as duas mulheres olhavam fixamente para ele.

— Vês o que estava a dizer? — perguntou Sunshine. — Não tem a aura mais incrível que alguma vez viste?

— Trata-se sem dúvida de uma alma antiga. Com sangue druida. Tenho a certeza.

— Achas? — perguntou Sunshine.

— Oh, sim. Tens de o convencer a deixar que façamos uma sessão de regressão, para vermos o que conseguimos descobrir.

Pronto, eram ambas loucas.

— Mulheres — disse ele, rispidamente. — Preciso das minhas roupas e preciso delas *já*.

— Vês — disse Sunshine. — Vês como a aura dele muda. Está, sem dúvida, cheia de vida.

— Sabes, nunca o tinha visto antes. É mesmo diferente. — Depois Starla deslizou para fora do quarto enquanto percorria as páginas da revista.

Sunshine ainda estava a limpar a tinta das mãos.

— Tens fome?

Como é que ela fazia aquilo? Como é que conseguia saltar de um assunto para outro e de volta ao primeiro?

— Não — disse ele, tentando mantê-la na questão principal. — Quero as minhas roupas.

Ela encolheu-se visivelmente.

— O que é que aconteceu à etiqueta das tuas calças?

Talon franziu o sobrolho perante a estranha questão. Estava a manter a sua irritação e o seu temperamento sob controlo, mas havia algo na presença daquela mulher que o tornava difícil.

— Peço desculpa?

— Bem, sabes que elas estavam cheias de sangue...

Uma sensação de desgraça invadiu-lhe o estômago.

— E?

— Eu ia limpá-las e...

— Oh, merda! Lavaste-as?

— Não foi tanto a lavagem que as estragou, foi mais a secagem.

— Secaste as minhas calças de *cabedal*?

— Bem, não sabia que eram de cabedal — disse ela, baixinho. — Eram tão suaves e estranhas, por isso pensei que eram de cabedal sintético ou assim. Eu lavo o meu vestido de cabedal sintético montes de vezes sem que ele se desintegre ou encolha como as tuas calças.

Talon esfregou a testa com a mão. Isto não era nada bom. Como é que ele podia sair do apartamento dela, a meio do dia, sem roupas?

— Sabes — continuou ela —, não devias cortar as etiquetas da roupa.

Já se passara muito tempo deste a última vez que sentira uma verdadeira e profunda irritação, mas naquele momento começava a senti-la.

— Eram calças de cabedal *personalizadas*, feitas à mão. Nunca trazem etiqueta.

— Oh — disse ela, parecendo ainda mais envergonhada. — Ter-te-ia comprado outras mas, como não tinham etiquetas, não sabia que tamanho comprar.

— Que bom! Vivo para ficar preso em locais estranhos, nu.

Ela começou a sorrir-lhe, depois apertou os lábios, como se tivesse pensado melhor.

— Tenho umas calças de fato de treino cor-de-rosa que não te serviriam e, mesmo que servissem, estou certa de que não as ias querer vestir, pois não?

— Não. Também lavaste a minha carteira?

— Oh, não. Tirei-ta das calças.

— Ainda bem. Onde é que está?

Ela ficou de novo em silêncio e ele foi consumido por uma sensação de terror inevitável.

— Será que quero saber? — perguntou ele.

— Bem... — Ele começava a odiar aquela palavra já que parecia acarretar desgraça para si e para os seus pertences. — Pousei-a sobre a máquina de lavar, no Laundromat, juntamente com as tuas chaves e, depois, percebi que não tinha trocos para a máquina, por isso foi à máquina de trocos. Só me afastei durante um segundo, mas quando voltei a carteira tinha desaparecido.

Talon sorriu com esforço.

— E as minhas chaves?

— Bem, sabes como, quando se lava só uma coisa, a máquina de lavar fica desequilibrada? As tuas chaves acabaram por ser atiradas lá de cima e caíram por um escoadouro apertado.

— Não as recuperaste?

— Bem tentei, mas não lhes consegui chegar. Ainda pedi a três pessoas que lá estavam para tentarem, mas elas também não conseguiram.

Talon estava chocado e incapaz de acreditar. O pior é que nem sequer podia ficar zangado porque ela só estava a tentar ajudá-lo. Mas ele queria mesmo, mesmo, ficar zangado.

— Não tenho dinheiro, não tenho calças, não tenho chaves. Ainda tenho o meu casaco?

— Sim, está em segurança. E também salvei o teu dispensador Pez do Snoopy, da máquina de lavar. Além disso, as tuas botas e a tua faca estão aqui mesmo — disse ela, erguendo-as do chão, junto à cama.

Talon acenou, sentindo-se estranhamente aliviado por saber que ela não destruíra tudo o que tinha consigo na noite anterior. Graças aos deuses que a sua mota tinha ficado estacionada junto à Brewery. Tremeu só de pensar no que ela lhe poderia ter feito.

— Tens algum telefone que eu possa usar?

— Na cozinha.

— Podias trazer-mo, por favor?

— Não é sem fios. Estou sempre a perder coisas ou a deixá-las cair e a parti-las. O último que tive acabou afogado na sanita.

Talon olhou com desconforto para a mulher e a ténue luz do sol que enchia o quarto. Perguntou-se qual dos dois lhe seria mais mortal.

— Importas-te de baixar os estores? — perguntou.

Ela franziu o sobrolho.

— A luz do sol incomoda-te?

— Sou alérgico — disse ele, escondendo-se atrás da mentira que os Predadores da Noite utilizavam quando se encontravam em situações semelhantes.

Embora duvidasse que *qualquer* Predador da Noite se tivesse visto, alguma vez, numa situação semelhante àquela.

— A sério? Nunca conheci ninguém alérgico à luz do sol.

— Bem, eu sou.

— Então és tipo um vampiro?

A palavra soava demasiado próxima da verdade.

— Não exatamente.

Ela dirigiu-se para a janela mas, quando puxou pelo estore, este caiu. Uma luz cinzenta espalhou-se sobre a cama.

Praguejando, Talon saltou para o canto, escapando por pouco aos pálidos raios de sol.

— Sunshine, eu... — A voz de Starla silenciou-se, quando ela entrou no quarto e o viu de pé, nu, a um canto. Olhou-o de forma estranha e desapegada, como se ele fosse uma interessante peça de mobiliário.

Talon e a modéstia eram estranhos um ao outro, mas a forma como ela o fitava deixava-o incrivelmente desconfortável.

Apesar da luz do sol, Talon agarrou no cobertor cor-de-rosa sobre a cama e segurou-o contra o centro do seu corpo.

— Sabes, Sunshine, tens de arranjar um homem assim para casar. Alguém tão bem apetrechado que, mesmo depois de três ou quatro filhos, ainda te encha por completo.

Talon ficou de boca aberta.

Sunshine riu.

— Starla, estás a deixá-lo embaraçado.

— Oh, acredita em mim, não tens nada de que te embaraçar. Devias estar orgulhoso. Exibe-o. Confia em mim, jovem, as mulheres da tua idade adorariam experimentar isso.

Talon fechou a boca. Aquelas eram as mulheres mais estranhas com que alguma vez tivera o azar de se cruzar.

Pelos deuses, tinha de sair dali!

Starla olhou para Sunshine junto à janela.

— O que estás a fazer?

— Ele é alérgico ao sol.

— Há tantas nuvens, está quase escuro.

— Eu sei, mas ele diz que não pode sair para a luz.

— A sério? Então trouxeste para casa um vampiro? Fixe.

— Não sou um vampiro — reiterou ele.

— “Não exatamente”, foi o que ele disse há pouco — interveio Sunshine. — O que é que não é exatamente um vampiro?

— Um lobisomem — disse Starla. — Com a aura dele, faz sentido. Uau, Sunny, encontraste um lobisomem!

— Não sou um lobisomem.

Starla pareceu muito dececionada pela notícia.

— Que pena. Sabes, quando se vive em Nova Orleães está-se sempre à espera de encontrar os mortos vivos ou os amaldiçoados, pelo menos uma vez por outra. — Olhou novamente para Sunshine. — Achas que nos devíamos mudar? Talvez se vivêssemos junto da Anne Rice conseguíssemos um vislumbre de um vampiro ou de um lobisomem.

Sunshine voltou a pendurar o estore.

— Ficaria feliz se visse um zombie.

— Oh, sim — concordou a mulher mais velha. — Sabes, o teu pai disse que viu um no bayou, mesmo antes de termos casado.

— Provavelmente foi um peiote, mãe.

— Oh! Bem visto.

O queixo de Talon voltou a cair, enquanto os seus olhos viajavam de uma mulher para a outra. Mãe e filha? Decerto não agiam com tal, e Starla não parecia muito mais velha do que Sunshine, mas não havia como negar as semelhanças nas suas feições. Ou a estranheza de ambas.

Oh, sim, a insanidade tinha raízes profundas naquela árvore genealógica!

Sunshine desceu o estore da outra janela.

Enrolando-se no cobertor, Talon atravessou o quarto e foi com alívio

que descobriu um *loft* espaçoso e sem grandes decorações, do outro lado das cortinas.

Havia mais uma fila de janelas do lado esquerdo, onde Sunshine criara um pequeno estúdio de pintura. Mas o resto do *loft* estava maravilhosamente obscurecido e intocado pela luz do sol. Mantendo o cobertor em volta das ancas, avançou até ao telefone na cozinha.

— Bem, Sunshine, agora que ele está acordado e que eu concordo que não representa uma ameaça...

Talon arqueou uma sobrancelha perante tal comentário. Em momento algum da sua vida ele não fora ameaçador! Ele era um Predador da Noite. Só aquelas palavras eram suficientes para inspirar o terror nas criaturas que davam mau nome ao mal.

— ... vou até lá abaixo ao clube para pagar algumas contas, fazer algumas encomendas e trabalhar a sério.

— Está bem, Starla, vemo-nos mais tarde.

Ele tinha de sair dali. Aquelas mulheres não só tinham falta de juízo como eram estranhas demais para que fosse possível expressá-lo por palavras.

Starla beijou Sunshine no rosto e saiu.

Depois de vários minutos gastos à sua procura, Talon encontrou o fio do telefone e seguiu-o até ao antiquado telefone de disco, que estava escondido numa gaveta da cozinha que continha, também, uma grande variedade de pincéis secos e tubos de acrílico.

Tirou da gaveta o telefone, pintado de cores berrantes e fluorescentes, e pousou-o sobre o balcão, ao lado de um frasco de biscoitos com a forma de um porquinho cor-de-rosa, onde estavam guardados bolinhos de arroz com cheiro a canela.

Pegando no auscultador ligou para Nick Gautier que fora o Escudeiro, ou ajudante humano, de Kyrian da Trácia. Como Kyrian tinha casado com Amanda Devereaux alguns meses antes e abandonara o seu estatuto oficial de Predador da Noite, Nick tornara-se o Escudeiro não oficial e em *part-time* de Talon. Não que Talon quisesse um Escudeiro. Os humanos tinham o péssimo hábito de morrer perto de si e Nick tinha uma boca que garantia que acabaria por ser morto.

Ainda assim, havia alturas em que um Escudeiro dava jeito. E aquela era, sem dúvida, uma dessas alturas.

O telefone tocou até se ouvir a mensagem que dizia que o cliente que pretendia contactar não estava disponível.

Maldição! Isso significava que tinha de fazer a chamada que preferia morrer, mais uma vez, a fazer. Se os outros Predadores da Noite soubessem daquilo nunca o deixariam em paz. Os Escudeiros faziam voto de segredo.

Estavam proibidos de revelar quaisquer pormenores embaraçosos sobre um Predador da Noite ou algo que os pudesse pôr em perigo.

Infelizmente outros ajudantes, não Escudeiros, não estavam sujeitos ao mesmo juramento.

Oh, sim, o Nick Gautier seria um homem morto, quando ele lhe deitasse a mão.

Preparando-se mentalmente para o que estava para vir, ligou para Kyrian da Trácia que atendeu ao primeiro toque.

— Talon? — perguntou Kyrian assim que reconheceu a voz. — É meio-dia, o que se passa?

Talon olhou de soslaio para Sunshine que cantava “Puff the Magic Dragon”, enquanto passava por ele, para entrar na cozinha.

— Eu... eh... eu preciso de um favor.

— Qualquer coisa.

— Preciso que passes por minha casa e me tragas as minhas chaves sobresselentes, o meu telemóvel e algum dinheiro.

— Sim, está bem. Tiveste de largar a mota?

— Sim, está no parque de estacionamento da Brewery, por isso preciso que ma tragas para esta noite.

— Está bem, para onde a levo?

— Espera. — Talon afastou o telefone da orelha. — Sunshine.

Ela voltou-se para olhar para ele.

— Onde raios é que eu estou? — Mesmo com o telefone pousado no ombro, conseguia ouvir o riso trocista de Kyrian.

— Conheces o clube noturno Runningwolf, que fica em Canal Street?

Ele acenou.

— Estás mesmo por cima dele.

— Obrigado.

Talon transmitiu a informação a Kyrian.

— Talon, juro, um dia destes, as tuas hormonas ainda vão ser a razão da tua morte.

Ele não se deu ao trabalho de corrigir Kyrian. Conheciam-se há mais de mil anos e Talon nunca tinha sido apanhado numa situação daquelas. Kyrian não acreditaria na verdade em relação à forma como fora parar àquele *loft*. Raios, ele próprio quase não acreditava.

— Também preciso que me tragas algumas roupas.

O silêncio junto ao seu ouvido era ensurdecedor.

Oh, sim, o Nick seria, definitivamente, um homem morto quando Talon lhe deitasse a mão.

— O quê? — perguntou Kyrian, de forma hesitante.

— Perdi as minhas roupas.

Kyrian riu. Muito.

— Cala-te, Kyrian, não tem piada.

— Hei, do meu ponto de vista tem uma piada brutal.

Sim? Bem, do ponto de vista de Talon, com um cobertor cor-de-rosa em torno das ancas, não tinha.

— Está bem — disse Kyrian, mais sério. — Iremos para aí assim que pudermos.

— Iremos?

— Eu e o Julian.

Talon encolheu-se mais uma vez. Um ex-Predador da Noite e um Oráculo. Ótimo. Maravilhoso. Nunca o deixariam esquecer aquela situação e era certo e sabido que, antes do anoitecer, um deles já teria colocado tudo aquilo no Predador-da-Noite.com para que todos se pudessem rir.

— Está bem — disse Talon, controlando a sua ira. — Vemo-nos daqui a pouco.

— Sabes — disse Sunshine assim que ele desligou. — Eu podia ir comprar-te umas roupas. Afinal estou em dívida para contigo.

Talon olhou para o *loft*. Parecia que ali tinha explodido uma garrafa de Pepto-Bismol e que o Gato do Chapéu tinha feito uma visita. Havia cor-de-rosa por todo o lado. Mas o que mais o chocou foi, sem dúvida, o estado delapidado do seu mobiliário e a decoração fragmentária. Sem dúvida uma artista em dificuldades; a última coisa que aquela mulher podia pagar eram umas calças de dois mil dólares e a terra haveria de parar antes que Talon colocasse o seu corpo dentro de umas calças de ganga.

— Não faz mal — disse-lhe ele. — Os meus amigos tratam disso.

Ela apresentou-lhe um prato de *muffins* e o que parecia ser relva.

— O que é isto?

— O pequeno-almoço... ou o almoço. — Como ele não lhe pegava, ela acrescentou. — Precisas de comer. Faz-te bem. São *muffins* de farelo de uva-do-monte com linhaça e rebentos de alfafa.

Não havia nada naquele prato que se parecesse com comida. Em especial para um homem que nascera e fora criado para ser um líder celta.

*Está bem, Talon, tu consegues lidar com isto.*

— Tens café?

— Ugh! Não, isso ainda te vai matar. Mas tenho chás naturais.

— Chás naturais! Isso é lama, não uma bebida.

— Oh! O Sr. Esquisito acordou com os pés de fora.

Nenhum ser humano alguma vez o tratara com tamanho desrespeito. Até o Nick sabia melhor do que isso. Sentindo-se completamente fora do seu elemento, Talon desistiu.

— Ótimo. Onde fica a tua casa de banho?

E depois, logo a seguir a esse pensamento, veio outro: *Por favor, diz-me que tens uma casa de banho dentro deste loft e não lá fora, num parque de estacionamento.*

Ela apontou para um quarto escurecido do *loft*.

— Ali mesmo.

Mais uma área delimitada por uma cortina pendurada. Como aquilo era maravilhoso!

E ele que pensara, erradamente, que a Idade Média tinha terminado.

Oh, que recordações queridas... ou não!

Talon avançou para o canto e tinha acabado de fechar a cortina e de deixar cair o cobertor ao chão, quando Sunshine se juntou a ele. Levava nas mãos uma toalha cor-de-rosa e um pano e estacou assim que o viu nu.

Pousou a toalha no lavatório e começou a andar à volta dele, observando-o de cima a baixo.

— És um exemplo perfeito de masculinidade, sabias?

Ele ter-se-ia sentido lisonjeado, se ela não se parecesse com alguém a avaliar um carro. Não era o desejo que sentia por ele que a levava a dizer aquilo. O tom da sua voz era desapegado, como o fora o da mãe.

Passou a mão quente e suave pelas costas dele, pela tatuagem.

— Quem te fez esta tatuagem era um artista de grande talento.

Sentiu-se arrepiar enquanto a mão dela deslizava ao longo da coluna até à anca.

— Foi o meu tio que a fez — disse, antes que se conseguisse deter. Há séculos que não falava a ninguém do seu tio.

— A sério? Uau! — Ela deslizou a mão pelos ombros do Predador da Noite até à marca em forma de arco e flecha na omoplata esquerda. — De onde veio isto?

Talon afastou o toque dela com um encolher de ombros. Aquela era uma marca sobre a qual jamais falaria com um humano não iniciado.

— Não é nada.

Foi então que o olhar dela desceu na direção da sua ereção. O seu rosto ficou tão cor-de-rosa como a toalha.

— Desculpa — disse, rapidamente. — Tendo a não pensar antes de agir.

— Já reparei. — Mas o mais difícil de suportar era o facto de ela continuar a olhar para a sua ereção. Ainda não olhara para mais lado nenhum.

— És mesmo um homem *grande*.

Pela primeira vez em mais de mil anos, sentiu o rosto a aquecer. Agarrando na toalha, Talon tapou-se.

Só então é que ela afastou o olhar.

— Espera, deixa que te arranje uma lâmina de barbear.

Ela pôs-se de joelhos, permitindo-lhe uma boa visão do seu traseiro, e enquanto vasculhava num armário improvisado de vime cor-de-rosa as suas ancas moviam-se de forma provocadora o que servia, apenas, para aumentar o desejo dele.

Talon cerrou os dentes. Aquela mulher tinha o traseiro mais sensual que ele alguma vez vira. Um traseiro que fazia com que a sua virilha ardesse ainda mais enquanto pensava em levantar aquela saia transparente e enterrar-se nela, completamente. Ou em deslizar para dentro e para fora do seu calor húmido até ambos se encontrarem suados e gastos.

Oh, sim, aquela era, sem dúvida, uma mulher capaz de satisfazer um homem. Ele sempre preferira mulheres de curvas sensuais e...

Ela emergiu com uma lâmina de barbear e uma escova de dentes cor-de-rosa.

Talon fez uma careta perante a ideia de usar artigos tão femininos.

— Não tens nada que não seja cor-de-rosa?

— Tenho uma lâmina de barbear roxa, se preferires.

— Por favor.

Sunshine apresentou-lhe uma de um tom de rosa mais escuro.

— Isso não é roxo — disse Talon. — Também é cor-de-rosa.

Ela revirou os olhos.

— Bem, é tudo o que tenho, a não ser que prefiras o meu x-acto.

Sentindo-se muitíssimo tentado, tirou-lhe a lâmina de barbear das mãos.

Sunshine não se mexeu até ele ter entrado na banheira com pés e fechado a cortina de banho. Só então ela se permitiu morder os nós dos dedos perante a deliciosa visão do seu traseiro nu. Ela tinha, definitivamente, que o desenhar.

Aquele tipo era *sensual*. Ardente. E sempre que falava, com aquele sotaque insanamente exótico, ela derretia-se. Parecia uma combinação única de inglês e escocês.

Abanando o rosto, obrigou-se a sair da casa de banho e regressar à cozinha. Mas aquilo que desejava verdadeiramente era arrancar as roupas, subir atrás dele para a banheira e ensaboar aquele corpo delicioso, alto e esguio até ele lhe implorar por misericórdia.

A sensação daquela pele flexível e dura sob as suas mãos... Divinal. Simplesmente divinal.

E ele nem sequer tinha ficado zangado por causa das calças! Ainda não conseguia acreditar como ele tinha aceite tudo aquilo tão bem. Nor-

malmente, àquela hora, a maior parte dos tipos já estariam a dizer-lhe *ala*, porta fora.

Mas ele limitara-se a afastar a questão com um encolher de ombros. Oh, ela gostava disso!

Agora que pensava no assunto, de facto ele não revelava uma gama muito variada de emoções. Era a encarnação da paciência, o que representava uma mudança de ritmo bastante agradável.

— Hei, Steve? — chamou.

— Não me chamo Steve — disse ele do chuveiro. — Chamo-me Talon.

— Talon quê?

— Só Talon.

Ela sorriu. Talon. Combinava com ele.

— O que é que queres? — perguntou ele.

— O quê? — contrapôs ela.

— Chamaste-me como se quisesses fazer uma pergunta. De que é que precisas?

Sunshine mordeu o lábio enquanto se tentava recordar. Ups!

— Esqueci-me.

Ela conseguiu, realmente, ouvi-lo rir. Uau! Aquilo era uma novidade. Por essa altura, a maior parte dos tipos já ardia de raiva.

Sunshine passou os cinco minutos seguintes em busca do caderno de rascunhos que tinha, de alguma forma, fechado no frigorífico. Outra vez. Sentou-se ao balcão do pequeno-almoço e começou a desenhar a sua mais recente descoberta.

Talon.

Demorou algum tempo a desenhar os planos bem esculpidos do rosto, a tatuagem intrincada que lhe cobria o corpo. Nunca vira um homem de proporções mais perfeitas. E, num abrir e fechar de olhos, estava perdida naquelas linhas. Perdida na sua mente, enquanto permitia que a sua criatividade fluísse e reproduzisse as coisas que achava tão incrivelmente fascinantes no homem que se encontrava na sua banheira.

Antes que se apercebesse do passar do tempo, ele fechava a água e emergia de trás das cortinas, com uma toalha húmida enrolada à volta das ancas esguias.

*Oh, mãezinha!*

Sunshine sentiu, mais uma vez, o impulso de morder a mão em sinal de apreço. O cabelo dourado estava penteado para trás, com exceção das duas tranças finas que balançavam com os seus movimentos, e os olhos negros brilhavam de inteligência e poder arcano. Ela nunca vira olhos tão escuros, em especial num homem louro.

Tinha uma presença tão poderosa que ela ficava sem fôlego só de olhar para ele. Era como se o ar à sua volta estivesse carregado de energia e força, e ela desejou, mais do que qualquer outra coisa, ser capaz de o captar com a sua arte.

Mas nunca ninguém seria capaz de duplicar, ou criar, uma aura tão intensa. Era algo que só podia ser experimentado em pessoa.

A cada novo passo que ele dava na sua direção, Sunshine sentia o coração a bater mais depressa. O homem era tão esmagadoramente masculino. Tão refinado.

A sua intensidade, o seu magnetismo animal... incendiavam-lhe o sangue.

A noite anterior, na cama, ele parecera-lhe belo mas, de pé e consciente, era absolutamente devastador.

— Sabes, Talon — disse ela, desenhado as linhas dos seus músculos perfeitos com o olhar. — As toalhas ficam-te muito bem. Se saíres assim para a rua, vais começar uma nova moda.

Um sorriso divertido pairou nos cantos dos lábios de Talon.

— Dizes sempre tudo o que te vem à cabeça?

— A maior parte das vezes. Mas há alguns pensamentos que guardo para mim. Não me costumava importar e dizia qualquer coisa mas, depois, a minha companheira de quarto, na faculdade, chamou a unidade psiquiátrica. Sabes, eles usam mesmo batas brancas.

Talon arqueou uma sobrancelha perante a sinceridade que sentia nela. Tratava-se de uma história verídica. Aquela mulher era excêntrica, sem dúvida, mas estava longe de ser uma maluquinha.

Bem, talvez não assim *tão* longe.

Ela estendeu um braço na direção do “pequeno-almoço” intacto e pegou num pseudo-*muffin*, que incluía pequenas partículas brilhantes que ele não conseguia sequer começar a identificar.

— Ainda não comeste o teu *muffin*.

Sim, certo. Também ainda não comera as botas, e ele preferia banquetear-se com uma delas a comer aquela coisa que ela tinha na mão.

— Não tenho fome.

Pelo menos de comida.

Ela largou o *muffin* em cima da bancada e ele podia jurar que ouvira um baque surdo. De sobrolho franzido, ela estendeu um braço e tocou-lhe no torque. Os dedos dela tocaram-lhe na pele do pescoço, fazendo levantar os pelos e outras partes do seu corpo.

— É tão lindo. Sempre quis um torque, mas nunca consegui encontrar um que fosse a minha cara. — Passou o polegar sobre a cabeça de dragão da direita. — És da Escócia?

— Não exatamente — disse ele, vendo a forma como ela estudava a peça, um presente da tia no dia do seu casamento. Tanto ele como Nynia tinham recebido torques iguais, oferecidos por ela. Não sabia porque é que ainda o usava, a não ser porque tirá-lo lhe causaria mais dor do que aquela com que estava disposto a lidar. De uma estranha forma, tirar o torque seria como perder Nynia mais uma vez.

Contra sua vontade, a mente viajou até ao momento em que Nynia lhe colocara o torque em torno do pescoço. O sorriso dela encandeava e o rosto estava cheio de amor, quando o beijou nos lábios.

Pelos deuses, como ele sentia a sua falta. Mesmo passados tantos séculos. Havia alturas em que podia jurar que ainda sentia o cheiro quente do seu cabelo. Em que ainda sentia o seu toque. Era como uma comichão fantasma num membro perdido que, mesmo anos mais tarde, se podia jurar que ainda se sentia.

Havia algo em Sunshine que lhe recordava a sua esposa. E não era apenas o facto de as duas mulheres possuírem a capacidade de o levar à loucura.

Sunshine era estranhamente fascinante. Tal como ele, via coisas de um outro nível, coisas que estavam escondidas daquele plano de existência.

A mente dela saltava, de um assunto para o outro, à velocidade de um relâmpago, o que era tão intrigante quanto confuso. Nynia era a única pessoa que alguma vez conhecera com aquele mesmo traço de personalidade.

Enquanto mortal, tinha-se sentido, muitas vezes, confundido com a lógica única de Nynia.

— Sabes — disse Sunshine —, dizes “não exatamente” muitas vezes. Não és exatamente um vampiro. Não és exatamente da Escócia e és alérgico à luz do dia. Que mais?

— Odeio *muffins* de farelo e relva.

Ela riu, um som rico e gutural que o aqueceu. Ele olhou, fascinado, enquanto ela usava um trapo manchado para limpar o carvão dos dedos longos e elegantes.

— Então, quanto tempo falta até os teus amigos chegarem?

— Algumas horas, sem dúvida. Vivo bastante fora da cidade.

Sunshine olhou para baixo, para a toalha que lhe envolvia as ancas. Se ele ficasse ali, naqueles trajos, não havia forma de prever o que poderia acontecer.

Na verdade havia, o que significava que ela precisava mesmo de lhe arranjar algumas roupas... e depressa.

Ele inspirou fundo, acentuando com aquele gesto os contornos musculados dos seus abdominais duros e bem definidos.

Oh, sim, ela precisava de tapar aquela tentação.

— Fazemos assim, Mr. Talon Sem-Apelido, porque é que eu não saio e te arranho alguma coisa para vestires até os teus amigos chegarem?

*Porque não quero que saias.* Talon piscou os olhos face ao pensamento bizarro e incaracterístico.

De onde é que aquilo tinha saído?

Havia algo que o atraía para aquela mulher. Algo forte e, ao mesmo tempo, vulnerável. Sentia nela uma necessidade de compensar aquilo que lhe fizera. Porquê, não o conseguia imaginar. Em especial tendo em conta que ele lhe salvara a vida.

Se ela o tivesse deixado na rua, ele estaria morto. Uma mancha frita no passeio.

— Não tens de o fazer, sabes.

— Eu sei. Mas insisto. É o mínimo que posso fazer, tendo em conta que destruí as tuas calças.

Ao olhar para ela, para o seu rosto irresistível, emoldurado pelo cabelo liso e negro, sentiu-se fascinado pelas formas que os seus lábios adquiriam. O modo como indiciavam um sorriso mesmo quando ela estava relaxada. Sunshine, brilho do sol, era mais do que o seu nome, também era a sua atitude. Alegre, calorosa.

Ela era absolutamente irresistível e a sua vontade de a provar era tão grande que não sabia por que razão ainda não o tinha feito.

Precisava de a provar. De a *sentir*.

Sunshine olhava, enquanto Talon fitava os seus lábios. O seu olhar de obsidiana era suficientemente quente para incendiar um glaciar. Ele ainda não a tocara e já podia jurar que o sentia a rodeá-la de calor, de desejo.

O ar em seu redor parecia sexualmente carregado. Quase crepitava de erotismo e desejo. Nunca na sua vida sentira algo assim.

Talon libertava uma atração sexual inumana. Ela sentia-se atraída por ele como nunca sentira por outro homem.

Semicerrando os olhos, ele baixou a cabeça e tomou posse dos seus lábios com um beijo magistral que a deixou, literalmente, com a cabeça a andar à roda. O seu corpo derreteu.

Ela gemeu com o gosto dos lábios contra os seus, enquanto a língua dele deslizava, apaixonadamente, para a sua boca. Puxou-a do banco alto, ergueu-a nos seus braços fortes e passou as mãos pelas suas costas, agarrando com os punhos o tecido do seu vestido.

O cheiro másculo e rude invadiu-a, enquanto sentia os músculos dele rodearem-na. A sua potência viril era, quase, mais do que podia aguentar.

Tratava-se de um homem vivido que conhecia bem o corpo de uma mulher. Podia senti-lo no seu beijo magistral, na forma como mostrava saber exatamente onde, e como acariciá-la.

Com o corpo a arder de desejo, ela agarrou-lhe os ombros nus, enquanto o sentia endurecer ainda mais contra o seu estômago.

Nunca experimentara nada assim. Era como se ele estivesse faminto por ela.

Só por ela.

Quando ele se afastou, por fim, ela compreendeu que lhe tinha entregado todo o seu peso e que ele a segurara sem a mais pequena flexão dos músculos. Jesus, aquele homem era forte!

Ele passou o polegar pelos lábios inchados dela, os olhos tão quentes e ternos que a deixaram ainda mais sem fôlego do que o beijo.

— Visto o trinta e três de cintura e o trinta e oito de perna.

— Hum, hum — sussurrou ela, sem o ouvir, inclinando-se na direção dele para mais um beijo.

Talon sentiu uma estranha agitação interior face ao ar atordoado e extremoso estampado no rosto dela.

— Beija-me outra vez — sussurrou ela, um instante antes de reclamar os lábios dele com os seus.

Tomou o rosto dela nas mãos, enquanto explorava a sua boca, tendo o cuidado de não permitir que passasse, acidentalmente, a língua pelas suas presas e ficasse a saber a verdade sobre ele.

Mas era difícil afastar-se quando o sabor dela o deixava tão perto da loucura. O seu cheiro a pachuli e terebintina intoxicava-o e ele ansiava por levantar a bainha do vestido dela e passar as mãos sobre as coxas sensuais até...

A língua dela passou perigosamente perto das suas presas.

Afastando-se, soltou-a.

Tinha sido demasiado próximo, mas não tão próximo como queria estar dela. Baixou o olhar até ao seu corpo, delineado pelo vestido. Era uma mulher de corpo bem formado, nem franzina nem pequena. E tinha seios grandes e apetecíveis, algo de que ele sempre gostara.

Cerrando os dentes, lutou contra a violenta necessidade de a tomar nos seus braços e de provar aqueles seios com a boca. Com as mãos.

Com a língua.

Melhor ainda, com as presas...

— *Ok* — disse ela num tom de voz estranho e agudo. — Foi bom. — Juntou as mãos, batendo as palmas, e deu um passo para trás. Só quando o seu olhar desceu até à toalha é que a luz regressou aos seus olhos castanho-escuros. — Roupas. Precisas de roupas antes que eu faça algo de que possa *não* me arrepender. Qual é mesmo o tamanho, Steve?

— Talon.

— Talon. Tamanho. Roupas. Tapá-lo.

Talon sorriu enquanto a via tentar manter a mente concentrada, à medida que os seus olhos continuavam a percorrer o corpo dele, carregados de desejo.

Ele gostava daquela mulher. Apesar das suas peculiaridades, havia nela algo de muito refrescante e puro.

— Vou arranjar roupas para o *Talon*. — Saiu, regressando passado alguns segundos. — Chaves — disse, dirigindo-se para uma lata cor-de-rosa sobre o balcão da cozinha. — Preciso das chaves do carro.

Talon passou a mão pelo cabelo molhado, quando ela saiu mais uma vez e perguntou-se se ela se teria esquecido de mais alguma coisa.

Tinha.

— Sapatos — disse ela, dessa vez. — Preciso de sapatos para ir às compras e manter os pés quentes.

Deslizou os pés para o interior de um par de *mules* junto à porta.

— E que tal um casaco? — perguntou Talon quando viu que ela ia sair de novo. — Estamos no Inverno.

— Os casacos são bons no Inverno — disse ela, dirigindo-se a um cabide extensível junto à porta que ele assumiu ser o roupeiro. Tirou um velho sobretudo castanho que parecia não ter nada a ver com o estilo dela. — Volto num instante.

— Espera.

Ela parou para olhar para ele.

Talon fez uma careta enquanto atravessava a sala e lhe desabotoava o casaco mal abotoado. Tendo-o endireitado, abotoou-o corretamente.

— Obrigada — disse ela, dirigindo-lhe um sorriso que lhe provocou a mais estranha das sensações na virilha e no estômago.

Tudo o que Talon podia fazer era acenar, em especial tendo em conta que o que queria, realmente, era tomá-la nos seus braços, levá-la para a cama e fazer amor com ela durante o resto da tarde.

— Volto já — disse ela, saindo.

Depois de ela ter saído, Talon permitiu-se, por fim, um sorriso rasgado. Ela era, sem dúvida, algo diferente.

Algo que o fazia pensar numa tarde quente de primavera depois de um inverno agreste. Já há muito tempo que ninguém o tocava como ela. Já há muito tempo que ninguém se demorava nos seus pensamentos.

— Gostas dela.

Ele voltou a cabeça para olhar por cima do ombro, para o espírito que ali tremeluzia.

— Ela é interessante — disse a Ceara.

Ceara avançou até se colocar ao seu lado. As suas faces pálidas exi-

biam uma rubor etéreo, enquanto ela brilhava entre este plano de existência e o seguinte.

Há séculos, devia ter atravessado por completo para poder descansar eternamente ou renascer, mas tinha-se recusado a deixá-lo sozinho.

E embora fosse terrivelmente egoísta da sua parte, Talon sempre se sentira grato pela sua companhia. Em especial em tempos idos, quando não lhe era possível manter o contacto com os seus irmãos Predadores da Noite através da tecnologia moderna.

Nessa altura, o seu isolamento tinha sido um inferno. Passava os dias sozinho, nunca se atrevendo a permitir a aproximação de um humano, com medo da sua maldição. Nunca se atrevendo a pedir nada a ninguém.

O único alívio que conhecera tinham sido as raras visitas da irmã.

Mas, sempre que olhava para Ceara, era dolorosamente recordado do quanto tinha falhado. Ele devia ter sido capaz de a ajudar no dia em que ela morrera. Se não tivesse sido um idiota, ela teria vivido a vida que merecia. Uma vida cheia, com um marido e filhos.

Em vez disso, ela tinha sido sacrificada porque ele tinha sido um palerma estúpido e arrogante.

A primeira vez que ela o visitara, depois da morte de ambos, tinha-o deixado de rastos. Ela não tinha pronunciado quaisquer acusações, não o odiava, embora ele o merecesse.

Tinha-lhe mostrado apenas compaixão e amor.

— *Prometi-te que nunca te deixaria só, bràthair. E nunca o farei. Estarei sempre aqui.*

Ao longo dos séculos, a presença dela fora a única coisa que o mantivera com os pés assentes na terra e que lhe permitira funcionar. A sua amizade e o seu amor sempre tinham representado tudo para ele.

Ceara passou uma mão fraterna sobre a ferida na coxa direita de Talon. Ele não o podia sentir com um toque verdadeiro, mas o gesto provocou-lhe arrepios na pele.

— Já não te incomoda?

— Não. Estou bem.

— Speirr — disse ela, pronunciando o nome dele na sua língua celta nativa. — Sabes que deves ser honesto comigo, *bràthair*.

Ele estendeu o braço para afastar alguns fios de cabelo louro do rosto dela, só depois se recordando que não lhe podia tocar.

Fechou os olhos, ao recordar o passado.

O seu clã tinha-a morto poucos dias antes do seu décimo sexto aniversário.

— *Ela será o nosso sacrifício aos deuses e eles perdoar-nos-ão as transgressões do nosso líder...*

Talon cerrou os dentes face à dor e à culpa que o invadiam. A morte dela tinha sido culpa sua. Ele tinha-a morto, tal como se fosse ele a segurar a faca.

Mas afastou aqueles pensamentos e regressou à dormência de que necessitava para funcionar.

*Já não sou humano e o passado não existe.* A litania de Acheron atravessou-lhe o espírito, permitindo-lhe suprimir tudo.

Só existia o agora e o futuro. A sua vida humana ficara muito para trás, ele era um Predador da Noite e toda a sua existência era dedicada a procurar e destruir o mal que caçava os humanos, que desconheciam as coisas que se escondiam nas sombras à sua espera.

— A minha perna — ao contrário do coração — só me dói um pouco.

Ela abanou a cabeça.

— Este local não é seguro para ti, Speirr. Há luz a mais. Não gosto que estejas aqui.

— Eu sei. Saio assim que puder.

— Muito bem, então vou partir até que precises de mim.

Ela desapareceu e deixou-o sozinho. Mais uma vez.

O olhar de Talon caiu sobre a bancada da cozinha, onde Sunshine se encontrava sentada, quando ele se lhe juntara, e franziu o sobrolho ao ver o esboço em que ela estivera a trabalhar.

Pegando nele, ficou impressionado pela mestria com que ela captara a sua imagem.

Aquela mulher era uma artista brilhante. Era capaz de transmitir emoções e significado às linhas mais simples. Ele nunca vira nada assim.

Infelizmente, não o podia deixar ali.

Arrancou a página e usou os seus poderes para a queimar. Os Predadores da Noite estavam proibidos de permitir que a sua imagem fosse captada por qualquer meio ou forma. Ninguém queria que existissem provas da sua imortalidade. Tais provas conduziriam a questões e complicações que nenhum deles desejava.

Esperou apenas que ela não o reproduzisse depois da sua partida.

Talon olhou em redor do *loft* e reparou que toda a área estava repleta de obras de arte, umas emolduradas, outras não. O chão, o longo estirador e os três cavaletes estavam cobertos de projetos por terminar.

Atravessando a sala, foi examiná-los mais de perto. Perdeu a noção do tempo, enquanto olhava para eles; depois descobriu mais quadros encostados à parede, perto do quarto. Sunshine gostava de cores fortes nos seus trabalhos e as suas pinceladas sobre a tela eram tão suaves e gentis como ela.

Mas foram os seus trabalhos em barro que mais o fascinaram. As peças tinham uma forte mistura de cores e os seus traços estavam longe de serem modernos. Devia ter estudado de forma aprofundada as culturas grega e celta para produzir cópias tão autênticas. Era impressionante a sua fidelidade ao passado. Se não soubesse melhor, poderia jurar que um Predador do Homem as trouxera diretamente do passado.

Ouviu baterem à porta.

Talon pousou a tigela que estava a analisar, junto das outras, numa prateleira perto da entrada. Dirigiu-se à porta e abriu-a, descobrindo Kyrian e Julian de pé, do outro lado.

Ambos ficaram de boca aberta quando o viram, praticamente nu, no *loft*.

Talon fechou rapidamente a porta, com um estrondo.

Kyrian soltou uma gargalhada ruidosa. Talon encolheu-se.

— Vamos, Tally — gozou Kyrian do outro lado da porta. — Não queres as tuas roupas, as tuas chaves? Oh, espera, e que tal um pouco de dignidade?!

Talon voltou a abrir a porta, agarrou em Kyrian pela camisa e puxou-o para dentro.

— És um idiota.

Kyrian ria ainda mais, enquanto Julian Alexander entrava.

Pela sua expressão, Talon podia ver que Julian também queria rir mas que se estava a esforçar por não o fazer. Apreciou o gesto.

Kyrian, por outro lado, não se mostrava tão gentil.

— Belos joelhos, amigo, mas as pernas peludas precisavam de um aparador de relva.

— Cala-te. — Talon arrancou o saco das roupas da mão de Kyrian e tirou do seu interior as calças de cabedal. — Julian, só te queria agradecer por seres tão adulto e não te rires às minhas custas.

Com as mãos nos bolsos, Julian acenou.

— Bem, já tendo estado na mesma situação, posso compreender. Claro que, em minha defesa, devo dizer que, pelo menos, a minha toalha era verde-escura e não cor-de-rosa.

Os dois homens soltaram sonoras gargalhadas enquanto Talon ros-nava.

Kyrian abanou a ponta da toalha.

— O que é isto? Renda?

— Não — disse Julian — acho que se chama croché.

Talon mostrou as presas aos dois homens.

— É melhor que tenham cuidado, *humanos*, ou posso decidir alimentar-me de vocês.

— Eh, meio-humano — recordou-lhe Julian. — Alimenta-te de mim e dar-te-ei uma dor de barriga infernal.

Rosnando-lhes, Talon trocou rapidamente a toalha pelas calças.

— Então — disse Kyrian. — Tornaste-te Ravyn agora? Devo avisar o Nick de que vais andar a perder as roupas todos os dias ou quê?

Talon revirou os olhos perante a menção do Predador da Noite Kagari. Ravyn era um transmorfo e, muitas vezes, era apanhado nu depois do nascer do sol.

— Não, trata-se de um acontecimento único. — *Espero eu.* — Por falar no Nick, onde é que ele anda? Tentei ligar-lhe para tratar deste assunto.

— Está nas aulas.

— Ah, sim! Bem, ele ainda está na folha de pagamentos dos Predadores da Noite, por isso diz-lhe que mantenha o telemóvel ligado.

— Oh! — disse Kyrian. — Estás a ficar irritado na tua nudez feroz.

Talon ignorou-o, enquanto vestia uma t-shirt preta.

**SUNSHINE** parou junto à banca de *tarot* de Selena Laurens, em Jackson Square. O cabelo castanho e frisado de Selena estava preso atrás, com um lenço com um padrão leopardo, e o corpo fino estava coberto por um casaco em *pied-de-poule* branco e preto.

— Hei, Sunny — saudou Selena. — Estava a perguntar a mim mesma se não estarias doente, ou assim, já que não te encontras aqui com a tua arte.

— Oh, não, apareceu-me uma pessoa.

Selena arqueou uma sobrancelha.

— Uma pessoa antiga ou uma pessoa nova?

— Nova.

Selena pareceu algo cética.

— Espero que este seja mais simpático do que o último palerma com quem te envolveste.

Sunshine torceu o nariz ao pensar em Greg. Um *motard* rude, era pouco desejável e estava constantemente a confundi-la com a ex-namorada, Sara: não há nada como ser chamada pelo nome errado quando se está a ter relações com alguém.

Já para não dizer que ele lhe tinha pedido emprestados trezentos dólares na véspera do dia em que ela tinha corrido com ele. Embora, vendo bem, ver-se livre dele valesse os trezentos dólares.

— Parece ser. — Deu uma palmadinha no saco com as roupas de Talon. — Bem, tenho de voltar para ele...

— Sunshine! — disse Selena de repente. — Diz-me que não o fizeste!

— Fiz o quê?

— O deixaste no teu *loft* sozinho.

— Não faz mal. Ele está seguro.

Selena rosnou.

— Mulher, esse teu coração generoso só te mete em sarilhos. Sabes alguma coisa sobre este tipo?

Sunshine inspirou fundo. Estava tão farta de receber sermões de toda a gente.

— Vemo-nos mais tarde, Madame Selene.

Apressou-se rua abaixo, em direção ao carro, com Selena a resmungar durante o caminho todo.

Ugh! Porque é que nunca ninguém confiava nela? Ela não tinha dois anos. E ser distraída não era o mesmo que ser estúpida. Se a sua bondade a matasse, então estava melhor morta do que a viver uma existência fria e sem emoções, em que se mostrasse avara com os seus sentimentos e bens.

Além disso, Talon não era como os outros homens. Ela sabia-o. Parecia ter muito mais coração do que a maior parte dos que conhecera.

Era eletrizante. Perigoso. Misterioso.

Melhor ainda, estava à sua espera no *loft*, nu.

Tendo entrado no carro, dirigiu-se para casa.

Não tardou a chegar ao clube do pai e a contornar o edifício até às traseiras, onde estacionava sempre. Sunshine franziu o sobrolho ao ver uma motorizada *Harley*, enorme, estacionada ao lado de um *Lamborghini* preto.

Os amigos de Talon?

Hum, talvez Wayne estivesse certo. Talvez Talon *fosse* um traficante.

Sem grandes certezas em relação a ele, saiu do carro e usou a porta das traseiras, que dava acesso ao clube vazio.

Apressou-se ao longo das escadas de aço e cimento até ao seu *loft*.

Ao empurrar a porta, estacou ao ver os três homens, cujos níveis de testosterona estavam acima da escala de Richter. Eram absolutamente avassaladores.

Uau, precisava do seu caderno de esboços! Imediatamente.

Talon vestira umas calças de cabedal pretas e uma *t-shirt* justa que abraçava todos os recantos da sua perfeição máscula e mortal.

Estava de pé, na cozinha, a falar com os outros dois homens, dois homens incrivelmente belos. Homens que estavam vestidos como profissionais e não motards desempregados.

Como era maravilhosamente refrescante.

— Olá, Sunshine — saudou Talon. — Estes são os meus amigos.

O que era da altura de Talon estendeu-lhe a mão.

— Kyrian Hunter — disse ele, com uma pronúncia encantadora, nada parecida com a de Talon.

Sunshine apertou-lhe a mão forte e calejada, ao reconhecer o nome.

— Então tu é que és o cunhado da Selena. Ela está sempre a falar de ti e da Amanda.

Kyrian era ligeiramente mais magro do que Talon, com alegres olhos verdes e um sorriso fácil. O cabelo era um pouco mais escuro do que o de Talon e tinha um corte muito moderno.

— Acho que devia ter medo do que ela diz sobre mim. Conhecendo-a, não há como saber.

Sunshine sorriu.

— Só diz coisas boas, garanto.

— Este é o Dr. Julian Alexander — disse Talon apresentando o outro homem, que vestia uma camisola azul-escura e calças *caqui*.

— É um prazer conhecer-te — disse Julian, estendendo-lhe a mão.

Sunshine respondeu ao cumprimento. Julian era cerca de cinco centímetros mais baixo do que os outros dois homens; contudo, a sua aura era igualmente forte e poderosa. Os olhos eram de um azul lindíssimo e o cabelo da mesma tonalidade que o de Kyrian. Era, também, o mais controlado dos três, mas os seus olhos não eram menos amigáveis.

— Doutor? — perguntou ela.

— Ensino Línguas e Culturas Clássicas em Loyola.

— Oh! Também conheces a Selena Laurens?

Julian acenou.

— Muito bem. Ela é a melhor amiga da minha esposa.

— A Grace? — perguntou Sunshine. — És casado com a Gracie?

O reconhecimento atingiu-os a ambos ao mesmo tempo.

— Eras tu? — perguntou ela, contornando-o para o ver de trás. Oh, sim, *daquilo* ela lembrava-se. — Tu és o Sr. Rabinho Escaldante!

O rosto dele ficou vermelho de embaraço.

— Rabinho Escaldante? — perguntou Talon. — Isto eu tenho de ouvir.

— Oh, sim! — acrescentou Kyrian.

— Temos de ir andando — disse Julian, empurrando Kyrian em direção à porta.

— Oh, nem penses — disse Kyrian. — Não até eu ouvir isto.

— Foi um prazer voltar a ver-te, Sunshine — disse Julian, empurrando Kyrian porta fora.

— Não te preocupes, Kyrian — gritou Talon. — Eu depois dou-te os pormenores *todos*.

Sunshine pousou o saco das roupas na bancada da cozinha, enquanto a porta se fechava com estrondo.

— Suponho que afinal não vás precisar disto.

— Desculpa. — Ele inclinou-se contra a bancada e ficou a observá-la. — Então, conta-me como conheceste o Julian.

Ela encolheu os ombros.

— Vendo a minha arte em Jackson Square e tenho um espaço ao lado da Selena. Há alguns anos, ela levou um tipo impressionante com ela para o trabalho, envergando uma *t-shirt* justa de manga cava e calções. Nessa altura o Julian tinha o cabelo mesmo muito comprido. De qualquer forma, juntou-se uma multidão enorme de mulheres para o ver. A Selena achou que era uma desgraça, mas eu fiz tanto dinheiro a vender retratos dele que nem quis saber.

Talon franziu a sobrancelha quando uma peculiar onda de ciúmes o varreu. E antes que o pudesse evitar, perguntou:

— Guardaste algum dos desenhos?

— Só me tinha sobrado um e dei-o à Grace, há cerca de um ano.

Mais aliviado do que queria admitir, Talon ficou a vê-la olhar para ele. O olhar dela percorreu a curva dos seus lábios, a linha do seu maxilar e fê-lo ansiar por possuí-la, por beijá-la mais uma vez.

— Sabes, és muito belo quando sorris.

— Sou? — perguntou ele, ficando estranhamente satisfeito por isso.

— Sim, és.

Sunshine engoliu em seco, ao compreender que já não havia qualquer razão para ele ficar. Não que ela se devesse importar; precisava de voltar ao seu trabalho. E contudo, ao mesmo tempo, não queria que ele partisse.

— Suponho que te vás embora, agora que estás vestido.

Ele olhou de lado para a luz do sol.

— Temo não poder sair até o sol ter partido.

— Oh! — Sunshine tentou conter a felicidade que sentia dentro de si.

Ele limpou a garganta.

— Se tiveres coisas para fazer...

— Oh, não! — disse ela rapidamente, depois fez uma pausa. — Quero dizer, eu... hum... seria rude, *muito* rude deixar-te aqui sozinho. Especialmente tendo em conta que não tenho TV ou qualquer outra coisa para te entreteres. — Lambeu os lábios. — Bem, já que não podes sair, o que é que gostavas de fazer durante o resto da tarde?

— Sinceramente?

— Sim.

— Nada me daria mais prazer do que fazer amor contigo.

## QUATRO

**SUNSHINE** afastou-se, sobressaltada pela sinceridade de Talon. Mas, mais do que isso, estava chocada pelo muito que desejava a mesma coisa de um homem que mal conhecia. E, no entanto, não havia como negar o quanto desejara fazer amor com ele.

Como ansiava por acariciar cada centímetro daquele corpo másculo e divinamente poderoso.

A sua luxúria não lhe parecia errada. Parecia estranhamente certa e perfeitamente natural. De uma forma estranha, sentia-se como se o conhecesse. Como se fosse suposto serem muito mais íntimos do que estranhos que tinham colidido, por acaso, num rua escura.

Ela desejava-o a um nível que não compreendia.

— Não perdes tempo com rodeios, pois não? — perguntou-lhe, atrevida.

— Não — respondeu ele, os olhos negros queimando os dela com a sua força escaldante. — Não perco.

O poder do desejo dele rolou sobre ela como uma onda, cativando-a. Ele era tão intenso, tão enfeitiçante. E ela sentia-se inexplicavelmente atraída por ele.

Ele estendeu um braço e tocou-lhe numa madeixa de cabelo. O desejo correu-lhe através das veias, fazendo-a tremer.

Os seus corpos não se tocavam em qualquer outro ponto e, no entanto, ela podia jurar que o conseguia sentir com cada célula do seu corpo.

Ela estremeceu de necessidade.

De calor.

De desejo.

Ele inclinou-se e sussurrou-lhe ao ouvido, a sua respiração fazia-lhe cócegas na pele.

— Sempre acreditei firmemente em aproveitar o momento. Tomo aquilo que quero, quando o quero. E agora, Sunshine, quero-te a *ti*. Quero provar cada centímetro do teu corpo. Sentir a tua respiração no meu pescoço enquanto faço amor contigo. Explorar-te por inteiro com a minha língua até implorares que pare.

Ela tremeu, devido à forma como ele disse aquelas palavras.

— A vida é curta, suponho.

Ele deu uma gargalhada breve, enquanto lhe tocava na bochecha com os lábios. A sua pele coberta de pelos fez-lhe cócegas e ela tremeu face à sensação de masculinidade que dele emanava.

— Para uns mais do que para outros.

Sunshine respirou fundo, enquanto uma aura de seriedade voltava a descer sobre ambos. O ambiente daquela sala não estava apenas sério, o ar entre eles estava carregado de devassidão.

De eletricidade sexual.

Talon aproximou perigosamente a sua boca da dela.

Lenta.

Sedutoramente.

O tempo ficou suspenso enquanto ela esperava que os lábios dele reclamassem os seus. Enquanto esperava para provar mais uma vez a paixão dele.

Então, ele tomou-a nos braços e beijou-a com tal possessividade que ela ficou sem fôlego.

Sunshine gemeu ao prová-lo com os lábios e o coração. Ele invadiu todos os seus sentidos. Os músculos dele erguiam-se e fletiam sob as suas mãos, enquanto a língua dele tocava na sua. Ela ouviu-o rosnar baixo, do fundo da garganta, como um animal enjaulado.

Voltou a tremer.

Passou a ponta dos dedos pela curva quente do pescoço dele, brincando com a pele suave e macia daquele ponto antes de deixar que os seus dedos subissem, através das madeixas douradas do cabelo dele, permitindo-lhes envolver a sua carne.

Como gostava da sensação de ter aquele homem nos seus braços. O cheiro do cabedal e de Talon invadiu a sua cabeça e fê-la cambalear. Ele rodeou-a com a dureza forte do seu corpo.

Sentiu o desejo dele por si quando a ereção fez pressão contra o seu estômago e isso incendiou-a, fazendo com que ansiasse pelo corpo dele,

pelo toque dele. Desejava tê-lo dentro de si de forma tão desesperada que a chocou. Nunca na sua vida tinha desejado assim um homem.

Devolvendo o beijo com tanta força quanto lhe era possível, rodeou a cintura dele com as pernas.

Sentiu o riso satisfeito dele emergir do seu corpo. Fez com que o estômago dele a acariciasse entre as pernas, o peito tocasse no dela, inflamando-a ainda mais.

*Oh, querida, o que é que estás a fazer?*

Sunshine podia ouvir a voz da razão dentro da sua cabeça. Não tinha um engate de uma noite, ou neste caso de um dia, desde a faculdade. Da única vez que o fizera, sentira-se tão sórdida, no final, que jurara nunca mais o repetir.

E ali estava ela, prestes a repetir esse fiasco.

Meu Deus, não sabia nada sobre aquele homem!

Nem mesmo o seu apelido.

Mas, por uma qualquer razão, nada disso importava. A única coisa em que conseguia pensar era na sensação de o ter nos seus braços; de como ele ficara maravilhoso na sua cama e no facto de gostar mesmo dele. Mais do que devia. Mais do que seria lógico.

Certo ou errado, queria partilhar o seu corpo com ele.

Não, ela *precisava* daquilo. Era o que desejava do fundo do coração. E sempre seguira o seu coração... onde quer que ele a levasse.

Não havia lugar para arrependimentos. Nem para pensar melhor.

Ele puxou a bainha do vestido dela, acima das coxas. Tremeu ao sentir o tecido fresco subir-lhe pela pele, seguido pelo calor das mãos dele. Ele deslizou as palmas das mãos pela parte de trás das coxas dela até chegar às nádegas nuas. Rosnou de prazer; o som era profundo e primitivo.

Carente.

— Gosto da sensação de te tocar, pequena Sunshine — sussurrou, contra os lábios dela.

Sunshine não conseguia pensar convenientemente com as mãos grandes e fortes dele sobre a sua pele nua. Ele enterrou a cabeça no seu pescoço, onde os lábios a queimaram. Os dentes roçavam pela sua pele, enquanto a mordiscava ternamente.

Estava prestes a comentar o facto de os dentes dele serem tão aguçados quando ele lhe deu uma lambidela quente e arrepiante.

Os seus pensamentos fragmentaram-se.

Aquele homem era, simplesmente, demasiado delicioso; não o podia deixar partir sem ter provado aquele corpo esguio e duro. Puxou-lhe a *t-shirt* pela cabeça e passou as mãos pelo peito e pela tatuagem. Oh, sim, ela queria aquilo!

Ela queria-o.

Talon dirigiu-lhe um sorriso de lábios apertados, ao ver a fome crua nos seus olhos castanho-escuros. Ele ia saborear aquela mulher.

Cada centímetro dela.

Com a paixão e o gosto pela vida que ela mostrava, só podia imaginar como se revelaria uma boa amante.

Já há muito tempo que não encontrava uma mulher que o fascinasse. Como Predador da Noite, escolhera as suas amantes aleatoriamente, sabendo que nunca mais as voltaria a ver.

Durante séculos contentara-se com engates de uma noite. Com mulheres libertinas que não queriam nada mais do que as poucas horas de prazer que ele lhes podia dar.

Conhecera-as sempre na escuridão da noite.

Nunca à luz do dia.

Depois de um mínimo de conversa para as convencer, penetrara-as selvaticamente mas, no fim, cada um seguira o seu caminho. A maior parte das vezes, nem se dera ao trabalho de lhes perguntar o nome.

Mas, no fundo da sua mente, sabia que havia algo de diferente nesse dia.

Havia algo de diferente em relação a Sunshine.

Não era capaz de contar quantos séculos tinham passado desde a última vez em que partilhara um verdadeiro riso com uma amante.

E esta mulher fazia-o rir. Deixava-o louco.

Melhor do que tudo, incendiava-o.

Sunshine tinha tropeçado no seu mundo e virara-o de cabeça para baixo. Tocara em emoções que ele tinha enterrado há tanto tempo. Fazia com que se sentisse estranhamente vivo outra vez o que, para um homem que morrera há mil e quinhentos anos, era um verdadeiro feito.

Ela provocava nele sentimentos que não compreendia. Sentia-se como um miúdo na manhã de Natal, esmagado pelas imagens e pelos cheiros. Os seus sentidos esmagavam-no com a força da sua necessidade.

Do seu desejo por ela.

Lambendo os lábios em antecipação, passou a mão pelas suas coxas sedosas até às ancas. Aquela mulher tinha o melhor traseiro que alguma vez acariciara. Empurrou-lhe o vestido até à cintura, enquanto ela entrelaçava os tornozelos atrás das suas costas.

Regressando aos seus lábios, levou-a até à cama e deitou-a sobre o colchão. Sem nunca a ter largado, deitou-se sobre ela e beijou-a, completa e profundamente, enquanto pousava a virilha intumescida contra a parte dela em que mal podia esperar por se enterrar. Saboreou o calor da boca dela e ouviu os seus gemidos de prazer.

Fechando os olhos, inalou o seu cheiro único e deixou-se varrer por ele.

Sunshine queria chorar, tão boa era a sensação de o ter em cima de si. O cabedal das calças dele acariciava-a intimamente enquanto os lábios dele atormentavam os seus. As tranças faziam-lhe cócegas no pescoço, a cada novo movimento. E as mãos dele eram diabolicamente maravilhosas enquanto percorriam o seu corpo, procurando cada parte dela.

Quase ganiu em protesto quando ele se afastou.

Talon tirou-lhe o vestido e lançou-o ao chão. Ela sentia-se mais do que fisicamente nua à frente dele. Por alguma razão, também se sentia espiritualmente nua. Era como se, de alguma forma, ele conseguisse ver dentro dela, como se soubesse coisas sobre ela que mais ninguém sabia.

Como se estivessem ligados a um nível que transcendia o seu laço físico.

Pelo menos foi o que pensou, até ele ter voltado a deitar-se sobre si. Nessa altura, os seus pensamentos voltaram a fragmentar-se e ela tornou-se una com o momento. Era estranha, de facto, a sensação que ele lhe transmitia.

Sunshine sibilou ao sentir o gosto maravilhoso dele. Toda aquela pele saborosa, bronzeada, tornada áspera pelos seus pelos másculos. Ela gostava tanto do gosto do maxilar de um homem.

Nunca nenhum homem tivera um gosto tão perfeito.

Ela deslizou as mãos até à cintura dele, até à braguilha. O seu membro era enorme. Afastando-se ligeiramente, observou o rosto dele, enquanto lhe abria as calças e lhe tocava pela primeira vez.

Ele fechou os olhos e rosnou, fundo na garganta, enquanto se movia suavemente nas mãos dela. Oh, ela gostava de tocar aquela parte dele. Estava tão duro e pronto para ela.

Passou os dedos por entre os caracóis, fazendo deslizar a mão até tomar nela o suave calor dele.

Talon gemeu de prazer. A sensação de a ter a segurá-lo assim era incrível. Já tivera relações mais vezes do que aquelas que era capaz de contar e, no entanto, havia algo novo naquela experiência.

Algo fresco.

Ela baixou-lhe as calças ainda mais, de forma a poder prendê-las com os dedos dos pés e despi-las. Só quando ela franziu o sobrolho é que ambos se lembraram que ele ainda tinha as botas calçadas.

— Ups — disse ela com um sorriso.

Talon riu, beijou-a profundamente e, depois, rolou para o lado, para

tirar as botas. Ela pôs-se de joelhos e encostou o seu corpo desnudo contra as costas nuas dele, fazendo-o tremer ao sentir os seios dela contra a sua coluna.

— Adoro esta tatuagem — disse ela, enquanto traçava os seus contornos com a língua, descendo ao longo das costas dele.

— Adoro quando fazes isso — disse ele, atirando para o canto as botas e as calças. Ele agarrou a beira da cama, enquanto ela explorava as suas costas com a boca.

— Tem algum significado especial?

Ele fechou os olhos, enquanto ela voltava a percorrer os desenhos com a língua.

— São símbolos celtas de proteção, poder e longevidade.

Talon cerrou os dentes perante a ironia. O tio dele não fazia ideia do que esperava o seu sobrinho quando traçou aqueles símbolos na sua pele. Como a sua vida seria longa.

Ela deu-lhe uma lambidela longa e quente, depois afastou-se.

— Nem acredito que o teu tio tenha feito isto. O meu pai teve um ataque quando viu a minha.

Talon olhou para ela, por cima do ombro.

— Tens uma tatuagem?

Ela passou a perna esquerda em redor da cintura dele e mostrou-lhe o tornozelo interior. Era um sol celta muito pequeno e estilizado, acompanhado pelo símbolo recortado da criatividade.

Sorrindo, Talon passou a mão sobre a tatuagem.

— Muito belo.

— Sim, mas doeu-me durante dias. Nem consigo imaginar quanto pior não deve ter sido a tua.

Ela nem fazia ideia. Em especial tendo em conta que tinha sido feita séculos antes das agulhas esterilizadas e das máquinas. O tio tinha gravado o desenho no seu corpo, de forma meticulosa, ao longo de três meses. Parte ficou infetada e a sua vida só fora poupada graças às capacidades medicinais de Nynia.

— Não foi muito mau.

— Oh — disse ela, de forma provocadora, franzindo o nariz. — O Sr. Forte!

— Preferias que dissesse que doeu?

— Não custa nada admitir que se sente dor.

— Querida — disse ele suavemente. — Eu não sinto dor. Nunca.

Ela olhou para ele surpreendida.

— A sério? Nem um bocadinho?

Ele abanou a cabeça enquanto controlava as suas emoções. Não se

atrevia a permitir-se sentir dor por tudo o que tinha perdido. Mesmo passados todos aqueles séculos, destruí-lo-ia.

— É um desperdício de tempo e de energia. Esgota a mente e deixa-a cansada.

— Mas, sem dor, não se pode sentir alegria. É o equilíbrio que nos permite apreciar os extremos.

Ora, aquele era um conceito profundo. Muito profundo, tendo em consideração que estavam sentados, nus, na cama dela.

— Tens por hábito filosofar sempre que te encontras nua com um homem?

Ela mordeu-lhe o ombro, envergonhada.

— É bastante difícil encontrar um homem que esteja disposto a isso.

Ele baixou os olhos até aos seios dela.

— Suponho que seria muito mais fácil se não ficasses tão incrivelmente bem sem roupas.

Ela gemeu, quando ele baixou a cabeça e levou à boca um dos seus seios. Deitou-se para trás, sobre a cama, arrastando-o consigo.

Talon suspirou ao sentir o mamilo inchado sob a língua. Deslizou com a mão sobre a curva da anca dela, sobre a coxa suave e através do emaranhado húmido de caracóis até tocar na parte dela por que mais ansiava.

Ela gemeu e tremeu, enquanto ele separava, cuidadosamente, as suas pregas tenras até poder brincar com a fenda entre elas.

Oh, sim, ele desejava aquela parte dela. Desejava ver a cabeça dela atirada para trás, contra as almofadas, e ouvi-la gritar bem alto enquanto atingia o clímax.

Sunshine apertou a cabeça dele contra os seios, enquanto abria mais as pernas, dando-lhe acesso ao seu corpo. E, quando ele mergulhou os dedos dentro dela, gritou.

O seu corpo ardia pelo dele da forma mais inacreditável. Era quente, feroz e fazia-a tremer de desejo. Nunca desejara tanto um homem como desejava este. Queria puxá-lo para mais perto de si. Cada vez mais perto, até se fundirem, realmente, num único ser.

Incapaz de esperar mais, estendeu um braço entre os seus corpos, para o poder guiar até dentro de si.

Gemeram em unísono.

Sunshine arqueou as costas, levando-o ainda mais para dentro de si. Era tão firme e quente, tão cheio. Ela nunca sentira nada melhor a enchê-la.

Ele sentou-se para trás, sobre as pernas, e puxou as ancas dela para poder deslizar mais para dentro, lenta, profundamente. Tratava-se de um ritmo rolante que a fazia estremecer com o prazer intenso dos seus movimentos íntimos.

Olhou para ele, enquanto ele a observava com uma expressão terna estampada no rosto.

— És tão bela — murmurou ele, rebolando as suas ancas contra as delas e impelindo-se ainda mais fundo e com maior vigor para dentro dela.

— Também tu — disse ela, agarrando os joelhos dele.

Os olhos dele escureceram enquanto a observava e ele entregou-se inteiramente àquela união. Nunca um homem fizera amor com ela daquela forma. Era como se ele não fosse nada além de sexo. Como se ele não conseguisse sentir mais nada senão o corpo dela.

Ele tinha uma tal perícia com as ancas, enquanto deslizava, para dentro e para fora, vigorosa e profundamente. Brincava com ela com as mãos, os dedos tocando-lhe ao ritmo dos seus movimentos. O prazer daquele toque penetrava em cada fibra do seu ser.

E, quando ela se veio, o orgasmo foi de tal forma intenso que ela gritou.

Talon rosou perante o som do êxtase dela, enquanto ela apertava o corpo com o seu. Gritando, ela estendeu os braços e puxou-o para baixo, para cima dela.

Depois, fez a coisa mais estranha... deu-lhe narigadas no pescoço e no rosto, enchendo de beijos as suas faces e os seus ombros.

Talon imobilizou-se.

Os braços dela seguravam-no com força contra si, enquanto o seu corpo o envolvia por inteiro. A ternura do toque e das ações dela passaram-no, quebrando o apertado controlo em que mantinha as suas emoções.

Era como se gostasse realmente dele. Como se ele significasse algo para ela. Como se ela estivesse a fazer amor *com* ele.

Só uma mulher alguma vez o segurara daquela maneira...

Quase não conseguia respirar. Pela primeira vez em mil e quinhentos anos sentia, de facto, que estava a fazer amor com uma mulher, não apenas a satisfazer um impulso primitivo.

Não, aquilo não era sexo sem significado.

Ele *sentia-a*. Sentia-se ligado a ela. Sentia-se como se fossem algo mais do que estranhos sem quaisquer laços que os unissem. Os lábios dela queimavam sobre a sua pele, enquanto continuava a dar-lhe narigadas no pescoço e a impulsionar o seu corpo contra o dele. Segurou-a com força e fechou os olhos. Os seus sentidos e as suas emoções entraram em turbilhão devido ao prazer daquele momento.

Quando atingiu o clímax nos braços dela, tremeu até ao âmago do seu coração castigado e cansado.

Ficou deitado, vulnerável e em pânico.

Não, ele não podia ter sentido aquilo. Ele não a podia ter sentido. Não era possível.

Tratava-se de um engano. O que tinham feito era sexo. Sexo incrivelmente bom, mas nada mais que isso.

Sexo.

Simples.

Básico.

Descomplicado.

E ele ia prová-lo a si mesmo de uma forma ou de outra...

Sunshine estava deitada, numa felicidade absolutamente satisfeita, respirando com dificuldade, deslizando lentamente para dentro de si mesma. Aquele tinha sido o orgasmo mais incrível que alguma vez experimentara. Não podia acreditar como era bom senti-lo, como ele lhe tocava.

Segurou a cabeça dele contra o seu peito e sentiu a respiração entrecortada dele contra o seu seio. Envolveu-o com o seu corpo e limitou-se a absorver o seu peso quente e másculo.

Habituada a homens que depressa fechavam os olhos depois de terem atingido o clímax, estava completamente despreparada quando ele rebolou, ficando de costas, e a puxou para cima do seu peito.

— Não pensaste que eu já tinha terminado, pois não? — perguntou-lhe ao ouvido.

— Bem, sim.

Ele riu.

— Pequena Sunshine, ainda agora começámos.

Para seu prazer e assombro, ele provou a veracidade daquelas palavras ao longo das horas seguintes.

Fizeram amor na cama dela, no chão, no sofá. Ele possuiu-a em tantas posições diferentes que ela se sentiu como se estivessem a reencenar todo o *Kama Sutra*.

Por fim, acabaram na cozinha; ele pousou-a na bancada e fez amor com ela, de forma lenta e terna.

Oh, céus, aquele homem era incrível! Tinha mais energia que uma equipa inteira de atletas e era completamente desinibido quando se tratava de fazer amor com ela. Nunca estivera com um homem e se sentira tão à-vontade em relação ao seu próprio corpo e às expectativas dele.

Um homem assim era demasiado difícil de encontrar.

Depois de terem terminado na bancada, para a qual ela nunca mais seria capaz de olhar sem corar, Talon dirigiu-se, nu, para o frigorífico, as duas tranças presas atrás das orelhas, enquanto procurava comida.

Ainda respirava pesadamente em resultado da sua última ronda e Sunshine perguntou-se, despreocupadamente, se teria ficado com as pernas arqueadas em consequência da maratona daquela tarde.

Ainda assim, ele tinha um aspeto delicioso enquanto afastava as embalagens em busca de alimento. O seu traseiro nu era um regalo para os olhos e quando ele se dobrou para procurar na gaveta do fundo, ela não conseguiu resistir a passar a mão pela coxa musculosa, entre as pernas, a segurá-lo e afagá-lo.

Ele inspirou repentinamente, fazendo o ar passar por entre os dentes, e endireitou-se.

Sunshine dirigiu-lhe um sorriso malandro que lhe garantiu um beijo rápido antes de Talon recomençar a sua busca no frigorífico.

— Minha senhora, não tens nada feito de carne?

Sunshine percorreu as costas dele com a mão, alisando as marcas vermelhas nos locais onde tinha espetado as unhas durante o seu último orgasmo.

— Tenho hambúrgueres de soja e comprei umas barras de muesli, gérmen de trigo e farinha de aveia quando saí.

Ele latiu, efetivamente.

— Desculpa. Sou totalmente vegetariana.

Ele suspirou.

— Eu sou totalmente carnívoro.

Ela lambeu os lábios e sorriu ao recordar a dentadinhas brincalhonas que ele lhe dera.

— Eu reparei.

Talon voltou-se para ela e puxou o seu corpo nu contra si. Beijou os lábios dela como se ainda fosse capaz de a saborear depois de tudo o que tinham feito nessa tarde. Depois afastou-se.

— Por muito que te deseje de novo, tenho de me alimentar com algo mais do que o teu corpo quente e sensual.

Agarrou no queijo de soja da prateleira de cima e nas bolachas integrais que estavam sobre a bancada.

Sunshine preparava-se para o avisar em relação ao queijo, mas pensou melhor. Ele precisava, de facto, de algo mais do que ela para morder, embora, para ser sincera, gostasse de ser o seu brinquedo de roer.

Aquele homem era insaciável e, o melhor de tudo, era um campeão naquilo que fazia.

Ela observou, com curiosidade, quando ele agarrou no seu dispensador de Pez do Snoopy pousado sobre a bancada e, depois, regressou à sala de estar.

Sunshine agarrou nos seus copos de água e seguiu-o até à mesinha de centro Art Deco.

Talon sentou à frente dela e cortou o queijo em fatias, depois colocou-as sobre as bolachas. Levou uma à boca.

— Diz-me, se eu não estivesse aqui, o que estarias a fazer hoje?

Ela riu.

— Estou certa de que, pelo menos, estaria sentada mais confortavelmente.

Com uma expressão divertida, inclinou a cabeça para lhe tocar no pescoço com o nariz.

— Posso massajar alguma coisa para te fazer sentir melhor?

Ela sibilou ao ouvir a voz profunda e sensual.

— Foram as tuas massagens que me meteram em sarilhos.

Talon passou a língua pela clavícula dela, depois afastou-se e comeu uma bolacha.

Ele engasgou-se.

Sunshine deu-lhe água.

Talon bebeu-a rapidamente e olhou para ela com uma expressão carregada.

— Que idade tem esta coisa? — Verificou o prazo de validade e a sua expressão ficou ainda mais séria. — Soja? — disse, ao reconhecer finalmente a embalagem. — Deixaste-me comer queijo de *soja*?

— Faz-te bem.

— É horrível.

— Oh — disse ela, como se estivesse a falar com uma criança. — Meu pobre bebé. Tenho muita pena.

— Não, não tens.

— Não é verdade. Eu *tenho* pena de não ter nada que um homem grande como tu possa suportar.

Talon recostou-se e abanou a cabeça na sua direção. Devia ter pedido ao Kyrian que lhe trouxesse um hambúrguer juntamente com as roupas. Mesmo assim, tinha gostado bastante do dia que passara com ela.

Mesmo que isso significasse comer coisas que deviam ser classificadas como lixo tóxico.

Encolhendo-se, pegou noutra bolacha, desta vez melhor preparado para o seu gosto desagradável. Graças apenas à sua força de vontade, comeu seis bolachas com queijo, embora mal tivessem diminuído a sua fome.

Graças aos deuses, tinha o Pez consigo. Agarrando no Snoopy, meteu rapidamente três cubos de Pez na boca para disfarçar o gosto.

— Como é que podes comer isso? — perguntou ela. — Não é nada mais do que açúcar com aromas.

— Sim, mas é um açúcar *bom*.

Ela torceu o nariz.

Talon dirigiu-lhe um sorriso travesso.

— Sabes qual é a melhor forma de os comeres, não sabes?

Ela abanou a cabeça.

Ele puxou para trás a cabeça do Snoopy e tirou o pequeno quadradi-  
nho com os dedos. Levou-o aos lábios dela.

— Morde suavemente e segura-o entre os teus dentes.

Ela hesitou, depois obedeceu.

Durante um segundo, Talon ficou a observá-la, nua com um cubo en-  
tre os dentes. Depois, inclinou-se para a frente e usou a língua para o soltar.

Sunshine gemeu perante o gosto dele combinado com o açúcar.  
Abrindo a boca, deu-lhe um beijo longo e quente.

— Ora, isto é que é bom.

— Vale a pena o facto de poluíres o teu sistema?

— Hum, hum — sussurrou ela, passando os dedos pelo maxilar dele.

Quando todos os cubos de Pez desapareceram, ela pegou nos dis-  
pensador do Snoopy e olhou para ele.

— Isto parece tão diferente de ti, Sr. Forte. Acho difícil de acreditar  
que um homem capaz de afugentar sozinho seis criminosos ande a passear  
com um dispensador de Pez.

Ele afastou-lhe o cabelo negro dos ombros e permitiu que a mão se  
demorasse nas madeixas.

— Na verdade coleciono os dispensadores. Este é *vintage*, de 1969.

— A sério?

Ele acenou.

Ela olhou outra vez para ele.

— Vale muito?

— Uns duzentos dólares.

— Não estás a brincar?

— Não estou a brincar.

— Uau! E eu quase o metia na máquina de lavar.

Ele riu com o comentário.

— Fico feliz por não o teres feito. Eu e o Snoopy já nos conhecemos  
há muito.

Ele tirou o Snoopy das mãos dela e pousou-o na mesinha de centro.  
Quando voltou a olhar para o rosto dela, o brilho no seu olhar era algo com  
que já se familiarizara.

— Estás mesmo dorida? — perguntou ele.

Tendo em conta tudo o que tinha feito, devia estar, mas o toque dele  
era tão suave que não estava.

— Não. Tu?

— Nunca estive melhor.

Ele deitou-se no chão e puxou-a para cima dele. Sunshine montou-o e gemeu ao sentir os seus abdominais de aço contra ela.

Para seu espanto, ele já estava duro outra vez.

— Nunca te cansas, pois não?

Ele tomou o rosto dela nas suas mãos e dirigiu-lhe um olhar escuro, sério.

— És tu, amor. És sem dúvida tu. Com qualquer outra mulher, já me teria enroscado e adormecido há horas.

— Estás a falar a sério?

Ele guiou a mão dela ao seu membro intumescido.

— O que é que achas?

— Acho que devia ter tomado mais vitaminas esta manhã.

— E eu acho que há várias posições que ainda não experimentámos.

**TALON** acordou na cama de Sunshine, precisamente quando o sol se punha. Sorriu, com um prazer ensonado, ao sentir o cheiro a terebintina e pachuli na sua pele.

Sunshine.

Ela ainda estava aninhada nos seus braços, profundamente adormecida. Para seu espanto, sentiu o corpo voltar a endurecer.

Depois daquela tarde, deveria ter ficado saciado durante, pelo menos, um dia ou dois, se não mesmo uma semana inteira.

Para dizer a verdade, nem deveria ser capaz de se mexer.

No entanto, desejava possuí-la de novo. Imediatamente. Queria sentir os braços e as pernas dela a envolvê-lo, segurando-o bem perto enquanto ele se perdia na sensação da pele dela a deslizar contra a sua.

Só Nynia alguma vez o fizera sentir assim. Ele tinha-se mostrado absolutamente insaciável junto dela. Olhar para ela era arder por ela.

Nunca pensara encontrar outra mulher que o atraísse tanto. E, no entanto, tudo o que queria era passar o resto da noite dentro de Sunshine. Sentir a respiração dela contra o seu pescoço enquanto se enterrava naquele calor húmido, uma e outra vez.

Mas não podia. Tinha de se encontrar com Acheron em Jackson Square.

Já para não falar no facto de as ruas estarem repletas de *daemon* prontos a matar e de ele ter pessoas inocentes para proteger.

— Talon?

Interiormente, encolheu-se perante o som da sua voz ensonada. Tinha esperado conseguir escapulir-se enquanto ela dormia.

Como detestava saídas confusas.

— Boa noite, amor — murmurou ele, beijando-lhe a testa.

Ela sorriu, um sorriso que o encantou.

— Vais sair?

— Sim, tenho de ir ter com uma pessoa.

— Está bem — disse ela.

Sunshine levantou-se da cama e enrolou-se num lençol.

— Foi mesmo muito bom conhecer-te, Talon. Obrigada por um dia maravilhoso.

Depois deixou-o sozinho.

Talon franziu o sobrolho. Esta era, normalmente, a parte em que as suas amantes lhe imploravam que ficasse, pelo menos durante mais um bocado. Em que lhe diziam que ele era o melhor amante que elas alguma vez tinham conhecido e, depois, choravam ao pensar que nunca mais o teriam.

Mas Sunshine parecia não ter quaisquer problemas com a sua partida. Não parecia estar minimamente triste.

O que era aquilo?

Ele saltou da cama e saiu do quarto para a descobrir na cozinha, segurando um bolo de arroz entre os dentes enquanto se servia de uma chávena de sumo cor-de-rosa.

— Sunshine, estás bem?

Ela tirou da boca o bolo de arroz e olhou para ele.

— Estou ótima.

O rosto dela ficou ligeiramente pálido.

— Oh céus, não te vais mostrar possessivo ou esquisito, pois não? Por favor, diz-me que não és um daqueles tipos de que a Trina me falou, que fazem um bocadinho de sexo com uma mulher e passam a achar que são os seus donos.

Um *bocadinho de sexo*?

Um *bocadinho de sexo*!

Talon estava estupefacto. Estava habituado a deixar as suas amantes, mas esta era, sem dúvida, a situação mais fácil por que tinha passado e achava-a estranhamente desconcertante.

Perturbadora.

Humilhante.

Em especial tendo em conta a forma como ambos se tinham comportado. Aquela tinha sido a melhor maratona de sexo que alguma vez realizara. Ela tinha correspondido à sua paixão e à sua energia de uma forma incrível.

Agora não tinha problemas com o facto de ele se limitar a sair porta fora?

— Tens a certeza de que estás bem? — voltou a perguntar.

— Ouve, não há problema, está bem? Eu sabia, quando concordei com isto, que não ias ficar por aqui depois. Não sou estúpida, sabes. Sou uma menina crescida. Tu és um tipo bem crescido e estou certa de que tens uma vida para a qual regressar. — O pânico atravessou-lhe o olhar. — Oh Deus, não és casado, pois não?

— Não, não sou casado.

Ela suspirou de alívio.

— Então, nesse caso, não fizemos mal nenhum.

Atravessou a curta distância até ao frigorífico e voltou a guardar o jarro de sumo.

— Sunshine?

Ela fez uma pausa para lhe dirigir um olhar irritado.

— O que foi, Talon? Não estás com ansiedade provocada pela separação, pois não? Hoje foi divertido e valeu a pena, mas eu tenho de voltar ao trabalho. Há um monte de coisas que preciso de fazer hoje.

— Sim, mas... — Ele não terminou a frase. Recusou-se a fazê-lo.

— Mas?

Talon fechou o maxilar com força. Ótimo, se ela queria que ele se fosse embora, ele ir-se-ia embora.

De qualquer forma não deveria ter passado o dia com ela.

Tão perto do Carnaval, não se podia dar ao luxo de ter *quaisquer* distrações. Quanto mais uma que assumia a forma de uma tentação de cabelos negros.

— Nada — disse ele.

Ela pareceu aliviada.

— Já que tens de te ir encontrar com alguém, vai tomar banho primeiro e eu faço-nos qualquer coisa para jantar.

Talon aceitou a oferta do banho, mas quando terminou, recusou-se a comer a salada de tofu com bifes de soja.

— Mais uma vez, obrigado, Sunshine — disse enquanto enfiava o casaco de cabedal por cima da *t-shirt*. — O dia foi mesmo bom.

— Para mim também — disse ela com um sorriso, enquanto comia a salada e percorria as páginas de uma revista de arte.

Continuava sem acreditar na facilidade com que ela estava a aceitar a sua partida. Maldição.

Uma parte dele continuava à espera que ela, pelo menos, lhe implorasse por um telefonema.

Lhe pedisse o endereço de *email*.

Qualquer coisa.

Mas ela não o fez.

Caramba, como odiava o século XXI.

Ela olhou para cima enquanto ele se dirigia para a porta.

— Tem cuidado contigo, Talon. E de futuro, por favor, tenta manter-te fora do caminho de carros alegóricos de Carnaval desembestados, está bem?

Talon ergueu as sobrancelhas num choque espantado.

— Desculpa?

— Não te lembras da noite passada, quando foste passado a ferro?

Talon acenou de forma hesitante, incapaz de acreditar que fora isso que chocara contra ele.

— Fui atingido por um carro alegórico de Carnaval.

— Sim, era um Baco.

Ora, isso já era bater no ceguinho. Jesus. Só podia esperar que o Nick não descobrisse aquilo. Nunca.

**NICHOLAS** Ambrosius Gautier tinha vindo ao mundo sem grandes perspectivas de futuro. Nascido filho bastardo de um criminoso de carreira e de uma *stripper* adolescente de Bourbon Street, não era exatamente o tipo mais respeitador da lei. De facto, o seu orientador do liceu tinha-o certa vez eleito “O Mais Suscetível de Receber a Pena de Morte”.

Mas, na noite em que Nick fizera frente ao gangue com que andava, o destino mudara-lhe a vida e enviara um anjo da guarda Predador da Noite, que pegara num miúdo atrevido, o limpou e lhe dera um verdadeiro futuro.

Agora, nove anos depois, era um estudante de direito e, em vez de jogar à roleta penal, como o pai, era um cidadão quase respeitável. Sendo *quase* a palavra mais importante.

Tudo graças a Kyrian da Trácia e a Acheron Parthenopaeus.

Não havia nada que não fizesse por eles e era por isso que estava sentado naquele carro, estacionado num terreno baldio logo depois do pôr-do-sol, em vez de estar com a mais recente namorada, a colocar um grande sorriso no seu rosto.

Mesmo com o motor do carro ligado, estava frio. Aquele frio húmido e gélido, capaz de penetrar nos ossos e provocar dores. Com o termo de café completamente vazio, Nick só queria voltar a casa e descongelar.

Em vez disso, estava à espera que o reforço de Talon para o Carnaval fosse entregue, porque Zarek, tendo passado os últimos noventa anos no Alasca, não fazia ideia de como conduzir um carro. Aparentemente, os carros não eram o meio de transporte de eleição dos Predadores da Noite presos na neve.

*Yee-raios-haw!* Este era um acontecimento pelo qual não se teria importado de esperar toda a vida.

— Nick, estás aí?

— Sim — disse para o rádio portátil que pousara no banco do passageiro do *Jaguar* e que usava para se manter em contacto com o helicóptero.

— Qual é a tua hora prevista de chegada?

— Cerca de dois minutos — disse Mike.

Nick começou a percorrer o céu escuro em busca do helicóptero preto, um *Sikorsky H-53E Sea Dragon*. Tratava-se de um helicóptero de classe militar, de longo alcance, e feito por encomenda, que os Escudeiros usavam muitas vezes para transportar os Predadores da Noite. O helicóptero era rápido e versátil, e podia ser reabastecido em pleno voo.

A secção traseira estava equipada com uma zona para passageiros em aço, que impedia que a luz do sol tocasse nos Predadores da Noite. As janelas do compartimento do passageiro podiam ser abertas com o simples pressionar de um botão, para permitir ao Predador da Noite olhar para o exterior depois de escurecer, caso o desejasse.

Alguns Predadores da Noite, como Acheron, tinham os seus próprios helicópteros e voavam neles sempre que precisavam.

Contudo, nessa noite, Mike Callahan, que era um Escudeiro Dorean (ou seja, que não servia nenhum Predador da Noite em particular), trazia Zarek do Alasca.

Nick tinha tomado conhecimento, através dos placares informativos *on-line* dos Escudeiros, dos rumores de Zarek da Mésia ser psicótico. Não estava muito certo da exatidão de tal informação mas, dentro de poucos minutos, ficaria a sabê-lo em primeira mão.

— Hei, Mike — disse, contactando o piloto via rádio. — Ele é muito mau?

Mike fungou.

— Deixa-me dizer a coisa assim: se tiveres uma arma, descarrega-a.

— Porquê?

— Porque se não o fizeres, vais acabar por dar um tiro a este idiota, o que só servirá para o irritar ainda mais. Por uma vez, até tenho pena dos *daemon*.

Aquilo não parecia encorajador.

— O quê? É pior do que o Acheron?

— Nick, acredita em mim. Nunca viste nada assim. Sei porque é que a Ártemis e o Ash o prenderam no Alasca. Aquilo que não consigo perceber é por que raio é que a Ártemis o quis levar para um local densamente povoado. Na minha opinião, é como lançar uma granada para uma bomba de gasolina.

Oh, sim, agora tinha um nó no estômago!

Nick esperou, enquanto o helicóptero pousava na pista de aterragem que Acheron usava quando os visitava. Numa das extremidades do campo, erguia-se um edifício que parecia um celeiro delapidado. Na verdade, tratava-se de um hangar moderno, equipado com um sistema de alarme e portas tão grossas que também podia ser usado como abrigo contra bombardeamentos. Naquele momento, no interior do celeiro, encontrava-se o *Sikorsky* MH-60K de vinte e oito milhões de dólares que Acheron usava para se transportar, e a sua mota *Buell* feita por encomenda.

Ash chegara em estilo no dia anterior.

Agora Zarek.

Pois, o Carnaval estava a começar a parecer assustador.

Nick saiu do carro e guardou o rádio no porta-bagagens, depois deixou-se ficar no limite do campo, até Mike ter desligado o motor do helicóptero e as lâminas terem parado de girar.

Quando tudo parou de se mexer, o Escudeiro esguio, de meia-idade, saiu do helicóptero e retirou o capacete. Mike nunca fora muito amigável mas, naquela noite, parecia muitíssimo enojado e extremamente irritável.

— Não te invejo — disse Mike, enquanto atirava o capacete para cima do seu banco.

— Vá lá, para de gozar comigo, Mike. Ele não pode ser assim tão mau.

Nick mudou de ideias assim que Mike fez deslizar a porta do passageiro e lhe permitiu o primeiro vislumbre de Zarek da Mésia.

Zarek emergiu pela abertura, como Lúcifer do seu poço mais profundo, com uma pedra no sapato tão grande, que Nick se sentia surpreso por terem conseguido levantar o helicóptero do chão.

Completamente vestido de preto, Zarek usava calças de ganga, botas de *motard* da *Harley* e uma *t-shirt* de manga comprida. Parecia completamente alheio ao ar frio e húmido que caracterizava as noites de Inverno em Nova Orleães. Na orelha esquerda tinha um brinco de prata com a forma de uma longa espada, cujo punho era constituído por uma caveira e dois ossos cruzados.

Zarek emergiu com um sorriso tornado ainda mais sinistro pela sua barbicha preta. O cabelo preto e liso tocava-lhe nos ombros e os olhos negros estavam cheios de ódio e desprezo. Nick estava habituado a lidar com tipos com má atitude; raios, ele estava habituado a ela. Mas nunca conheceu um homem com uma pior do que a de Zarek.

Este recordava a Nick os assassinos que o pai levava para casa. Frios. Sem sentimentos. Letais. Sempre que Zarek olhava para alguém, a sensação que se tinha era de que estava a tirar as medidas para o tamanho do caixão.

Zarek pousou a mão esquerda no lado do helicóptero e inclinou-se para dentro o suficiente para agarrar num grande saco de ginástica. Nick fitava, com assombro, a enorme mão de Zarek. Cada dedo, incluindo o polegar, estava coberto por uma longa garra de prata articulada, cuja extremidade era tão aguçada que Nick soube que se devia tratar da arma de eleição de Zarek.

Aquele homem gostava que as suas mortes fossem brutais.

Merda para Zarek, chamarem-lhe psicótico era pouco.

À medida que se afastava do helicóptero, Zarek sibilou a Mike, mostrando-lhe as presas.

Daquela vez, Mike não teceu qualquer comentário. Mais do que qualquer outra coisa, isso mostrou a Nick como Zarek era violento. Nunca vira o Mike aceitar uma coisa daquelas sem fazer um comentário.

— Bem, se já acabaste de atazanar o pobre Mike, podemos ir?

Nick arrependeu-se daquelas palavras assim que Zarek olhou para ele. O olhar glacial e hostil gelou-o ainda mais do que os ventos frios.

— Continuas com esse atrevimento, rapazinho, e não sobrá o suficiente de ti para passar por uma peneira.

Nick não se assustava facilmente, mas aquelas palavras foram rosadas com tamanha sinceridade que ele deu um passo atrás e, por uma vez na vida, manteve a boca fechada.

Sem mais uma palavra, Zarek avançou, com a graciosidade mortal de um predador, na direção do carro, mantendo os lábios presos num arregar de dentes permanente. Atirou o saco de ginástica para o chão do carro, depois entrou e bateu a porta.

Nesse momento, Nick arrependeu-se seriamente de ter comprado um carro sem banco traseiro.

Por outro lado, tendo em conta a natureza violenta e imprevisível, Nick antes preferia tê-lo ao seu lado do que *atrás* de si.

Mike suspirou de alívio e deu-lhe uma palmada nas costas.

— Que Deus olhe por ti, rapaz. Esta noite, não gostava mesmo de estar no teu lugar.

Nick nunca fora muito religioso. Mas, enquanto se dirigia para o *Jaguar* antracite, redescobriu a sua religiosidade.

Entrou e ligou o carro, depois dirigiu-se para a cidade. Tinham de se encontrar com Talon, Valério e Acheron dentro de meia hora, em Jackson Square. Raios, aquela ia ser a viagem mais longa da sua vida.

Carregou ainda mais no acelerador: velocidade *warp* seria o ideal.

Enquanto conduzia, Nick não pôde impedir o seu olhar de deslizar repetidamente para a mão esquerda de Zarek, coberta pelas garras de prata, que ele mantinha pousada sobre o joelho esquerdo.

O silêncio era ensurdecedor e estagnado, interrompido apenas pelo arrastar das garras de Zarek pela ganga preta. Passado algum tempo, o arrastar metálico começou a enervar Nick. Ele ligou o rádio.

— Gostas de *rock*? — perguntou.

O rádio apagou-se de imediato.

Nick engoliu em seco, ao compreender que um dos poderes de Predador da Noite de Zarek era a telequinese.

— Rapazinho, não sou teu amigo. Não sou o teu Predador da Noite e isto não é uma porcaria de um encontro romântico. Só falas comigo quando eu te perguntar alguma coisa. Caso contrário, manténs a boca fechada, os olhos afastados, e pode ser que consigas viver o suficiente para me levar até ao Bairro Francês.

Nick agarrou o volante com mais força. Está bem, aquilo tinha-o irritado, mas não ao ponto de o tornar suicida. Só um completo idiota mediria forças com um homem assim tão letal.

Zarek abriu o saco da ginástica e tirou do seu interior um leitor de MP3 do tamanho de um cartão de crédito e um par de óculos de sol. Colocou os auscultadores e os óculos, depois encostou a cabeça ao assento. Nick podia ouvir *Hair of the Dog* dos Nazareth a jorrar num sussurro dos auscultadores. O verdadeiro hino antissocial. Como era incrivelmente adequado.

Quando o rádio do carro se voltou a ligar, de forma inesperada, Nick saltou mesmo.

Oh, sim, Zarek era um FDP psicótico e quanto mais depressa o tirasse do carro e entregasse a Acheron mais feliz Nick se sentiria.

**TALON** ainda estava a pensar em Sunshine quando atravessou Pedestrian Mall para se encontrar com Acheron. Olhou para o fundo da rua, para o local onde tinha conhecido Sunshine na noite anterior, e sentiu um aperto no estômago.

Como sentia a falta dela. E essa era a parte mais louca de todas. Ele quase não a conhecia. Ela entrara na sua vida como um tufão, provocando o caos e a destruição, e mesmo assim...

Suspirou. Ela fora uma boa diversão. Mas ele tinha negócios a tratar.

A sua escapadela com ela tinha terminado. Ele nunca mais a voltaria a ver.

Era mesmo assim.

A partir daquele momento, ela já não existia.

*Sim, pois.*

Talon ignorou a voz trocista dentro da sua cabeça. Não tinha outra escolha se não esquecê-la. Fizera um pacto séculos atrás, um pacto que honraria por toda a eternidade. Para ele nunca existiria um lar, uma família

e, acima de tudo, uma namorada ou uma esposa. Mesmo que não tivesse prestado juramento a Ártemis, essas coisas estavam-lhe proibidas.

Além disso gostava da sua vida tal como era. Tinha muita liberdade e tempo para fazer o que queria e dinheiro suficiente para comprar tudo o que lhe agradava.

A vida como Predador da Noite era boa.

*Muito* boa.

Ao entrar na praça, viu Acheron Parthenopaeus encostado à parede de um edifício, os braços dobrados sobre o peito. O alto guerreiro Atlante mantinha-se afastado da multidão que ouvia um artista de rua cantar a sua versão do tema do Scooby-Doo.

Com dois metros e três de altura, longo cabelo de um roxo metálico e óculos de sol negros que lhe escondiam completamente os olhos, muito depois do pôr-do-sol, Acheron era um homem em que dificilmente não se reparava.

Talon costumava referir-se a Acheron como T-Rex. A alcunha devia-se mais à presença intimidante e carnívora do homem do que à sua prolecta idade.

Havia algo verdadeiramente fantasmagórico na aura letal de Acheron. Jorrava dele como um tsunami perigoso. Até o ar em redor daquele homem parecia carregado com uma energia mística tão poderosa que era capaz de arrepiar os pelos dos braços e da parte de trás do pescoço, se se aproximassem demasiado.

E, tendo em conta a distância que a multidão mantinha do T-Rex, Talon diria que não era o único a senti-lo.

Por outro lado, reconsiderou Talon ao reparar no casaco de *motard* preto, com uma cota de malha sobre uma das mangas e as calças de cabedal, com atilhos em vez de costuras, talvez fosse o aspeto excêntrico e pouco ortodoxo de Acheron que fazia com que as pessoas o deixassem em paz.

Fosse o que fosse, ninguém se queria atravessar no caminho daquele homem.

Acheron voltou a cabeça.

Mesmo com os óculos de sol a cobrirem-lhe os olhos, Talon sabia que T-Rex estava a olhar diretamente para si. Talon soltou uma gargalhada curta ao reparar no novo adereço facial de Acheron. Um brinco em prata no nariz.

T-Rex tinha duas manias muito estranhas: estava sempre à procura de novos locais para furar o corpo e a cor do seu cabelo mudava mais depressa que o imprevisível tempo do Luisiana.

T-Rex também tinha uma estranha cicatriz com a forma de uma mão que aparecia e desaparecia do seu pescoço. Ninguém sabia ao certo se

a cicatriz era verdadeira ou se não passava de um qualquer truque estranho que Acheron usava para os fazer baixar a guarda. O mesmo se passava com a sua pronúncia. Havia alturas em que a voz de Acheron se mostrava carregada com a estranha entoação melódica que Talon assumira ser a da sua Atlântida natal, mas noutras ocasiões T-Rex soava como qualquer outro americano programado pela televisão.

O antigo guerreiro parecia ter um grande prazer em manter os outros às aranhas no que dizia respeito à sua pessoa. Era ainda mais reservado do que Talon e isso era dizer muito.

Acheron pegou na mochila preta, que estava decorada com um logótipo anarca. Atirou-a para cima do ombro, depois lançou algumas notas para o estojo da guitarra do músico e dirigiu-se a Talon.

Vários elementos da multidão mostraram-se visivelmente tensos e recuaram enquanto Acheron avançava através deles, com o passo largo e fluído de um perigoso predador. Aqueles que se atreviam a olhar para ele, depressa desviavam os olhos.

Era irónico, de facto, já que Acheron seria a última pessoa no mundo capaz de magoar um mortal. Ele era o mais antigo protetor da humanidade.

Durante séculos lutara sozinho contra os *daemon*.

Sozinho.

Sem amigo ou escudeiro.

Talon ouvira rumores que diziam que Acheron fora treinado na arte da luta pelo próprio Ares. Outros diziam que Acheron era filho de uma deusa e de um lendário herói Atlante.

Mas, no fundo, ninguém sabia nada sobre Acheron a não ser que era alto, reservado, intimidante e muito, muito estranho.

Enquanto Acheron se aproximava, Talon apontou com a cabeça na direção do cabelo roxo, com quatro tranças finas que lhe envolviam o rosto.

— Sabes, acho que tenho de pôr de lado o T-Rex e começar a chamar-te Barney<sup>1</sup>.

Um dos cantos da boca de Acheron ergueu-se.

— Não comeces, Celta. — Percorreu com um olhar divertido as calças de cabedal, a t-shirt e o casaco de Talon. — Fico feliz por ver que te vestiste para a ocasião.

Talon encolheu-se perante o significado subjacente àquele comentário.

— O Kyrian denunciou-me, hã?

---

<sup>1</sup> Personagem principal da série infantil *Barney e os Seus Amigos*, *Barney é um dinossauro T-Rex púrpura e verde*. (N. da T.)

— Oh, sim! A toalha cor-de-rosa foi a minha parte preferida.  
Kyrian ia pagar por aquilo. Mesmo que Talon o tivesse de caçar.

— Juro que... O Nick sabe?

Acheron sorriu, um sorriso verdadeiro que deixou à vista uma pontinha da sua presa.

Maldição, agora estava lixado.

Oh, paciência, tinha valido a pena. Passar a tarde com Sunshine mais do que compensara qualquer embaraço.

T-Rex olhou por cima do ombro, como se sentisse alguma coisa, e a gola do casaco de cabedal afastou-se do pescoço, mostrando que a impressão da mão tinha voltado a desaparecer.

Talon seguiu o seu olhar e viu Valério aproximar-se. Só se encontrara uma outra vez com o general romano, quando Valério chegara para assumir os deveres de Predador da Noite de Kyrian.

Valério olhara uma vez para o casaco e o torque de Talon e rosnara a palavra Celta, permitindo a Talon saber que, travar amizade com aquele Predador da Noite, era tão improvável como encontrar um lugar de estacionamento para um tanque, em Bourbon Street, durante o Carnaval.

E pensar que ele estava condenado a passar a eternidade em Nova Orleães com aquele estupor. Como diria Nick, *yee-raios-haw*.

O cabelo preto do romano estava puxado para trás numa trança impecável. Usava calças de fato e sapatos pretos, uma camisola de gola alta e um longo casaco de caxemira. Se não se soubesse melhor, dir-se-ia que se tratava de um advogado rico, não de um carrasco de *daemon*.

E Talon precisou de toda a sua força para não se rir do quão deslocado Valério parecia junto dele e, sobretudo, de Acheron, que era o paradigma do movimento gótico. Mesmo até ao brinco de prata no nariz e às fivelas de prata que decoravam os lados das suas botas pontiagudas.

— Como és pontual! — disse Acheron a Valério enquanto este olhava para o relógio de bolso rachado que puxou do bolso do casaco. O relógio sofrera um acidente, há cerca de cem anos, durante um grande levantamento *daemon*. O relógio sobrevivera, os *daemon* não.

Os olhos negros de Valério ardiam de ressentimento, enquanto fitava Acheron.

— Posso não gostar do facto de seres meu comandante, grego, mas como soldado obedecer-te-ei, independentemente do meu desagrado pela tua companhia.

Talon sorriu.

— Ena, T-Rex, não te sentes logo quentinho por dentro só por estar perto dele?

— Mostra respeito pelos que te são superiores, Celta — rosnou Valério, arreganhando o lábio superior. — Ou eu mostro-te como é que nós, os romanos, lidávamos com os da tua raça bárbara.

Aquelas palavras não despoletaram em si qualquer outra emoção, para além de um divertimento aborrecido, mas Talon nunca fora um homem de deixar passar um insulto sem ripostar.

E, de facto, já era demasiado velho para mudar a sua maneira de ser.

— Ah, respeita isto — disse, dirigindo a Valério um manguito de dedo espetado.

Acheron quase não conseguia segurar Valério quando este se lançou na direção de Talon. Colocou-se fisicamente entre ambos; não que Talon precisasse disso mas, tendo em conta a fúria nos olhos de Valério, o romano precisava sem dúvida.

— Crianças, não me obriguem a separar-vos outra vez. — Acheron olhou fixamente para Valério e obrigou o romano a recuar. — Acredita em mim, Val, não preciso que traves as minhas batalhas e o Talon não me ofendeu.

— O meu nome é Valério. — Valério endireitou o casaco com um movimento régio e arrogante. — E eu sinto-me ofendido.

Sim, bem, qual era novidade? O homem parecia ficar ofendido com tudo.

Como de costume, sempre que dois ou mais Predadores da Noite se reuniam, Talon sentia os seus poderes enfraquecerem. Era uma salvaguarda utilizada por Ártemis para se assegurar de que os Predadores da Noite não combinavam as suas forças e iam atrás dos deuses ou atacavam a raça humana. A única exceção era Acheron. Como treinador designado e mais velho da sua raça, a presença dele não lhes drenava os poderes, mas a de todos os outros fazia-o.

Não poderiam ficar juntos durante muito mais tempo ou ficariam debilitados durante toda a noite.

Talon olhou por cima do ombro de Valério e viu Nick e Zarek passarem pela padaria, na esquina, e dirigirem-se para eles.

— Mostrem-se infelizes, rapazes — disse a Acheron e Valério —, eis que chegam os nossos reforços.

Valério voltou-se e proferiu uma praga vulgar que não parecia combinar com o seu ar régio romano, de refinamento e boa educação.

— O mesmo para ti — rosnou Zarek quando parou ao lado de Acheron.

O desdém era evidente no rosto de Valério.

— Mais uma porcaria de um grego.

— O que é que se passa, Romano? — perguntou Talon. — Os gregos incomodam-te?

De narinas abertas, Valério dirigiu a Zarek um olhar de desprezo.

— Acredita, se eu tivesse estado em Troia, quando lá deixaram o cavalo, teria havido grego assado na praia.

Talon assobiou, fingindo simpatia.

— Raios, T-Rex, ele odeia mesmo os teus antepassados.

Acheron olhou para ele divertido.

— Sem ofensa, Talon, eu já por cá andava antes deles.

— Oh sim, desculpa. — Talon trocou um olhar com Nick, que estava muito mais calado do que o normal. O Escudeiro parecia um pouco nervoso.

Hum, aquilo era interessante. Teria de manter Zarek por perto, se tinha aquele tipo de poder de supressão. Era bom saber que Nick tinha um botão para desligar.

— Tiveste algum problema com o teu voo? — perguntou Acheron a Zarek.

— Não comi o piloto, se é isso que queres saber. E aqui o pequeno Nick ainda está a respirar e não a sangrar.

— Bem — disse Acheron num tom de voz monocórdico. — Suponho que se trate de uma melhoria em relação à última vez.

Talon não sabia ao certo se Acheron estaria a brincar ou não mas, conhecendo a reputação de Zarek, não duvidava que fosse, de facto, verdade. Corriam rumores de que Zarek esquartejara e comera o último Escudeiro que Acheron lhe enviara.

Talon percorreu os cinco homens com o olhar.

Eram um grupo mesmo estranho! A única coisa que tinham em comum era a altura. Coletivamente, deviam parecer um grupo de refugiados da NBA já que as suas alturas iam do metro e oitenta e dois de Nick aos dois metros e três de Acheron.

Nick envergava umas calças de ganga, uma camisola verde-escura e um casaco de avião: a imagem perfeita de um estudante universitário rico. Talon parecia um motard acabado de sair do Santuário, o principal bar de motards de Nova Orleães. Acheron parecia um refugiado do Dungeon, o subterrâneo local onde se reuniam os góticos. Valério fazia parte do contingente profissional e Zarek...

Zarek parecia, simplesmente, prestes a matar alguém.

— Então, porque é que nos reunimos? — perguntou Zarek.

O ódio repugnante nos olhos de Valério estava ao rubro.

— Alguém falou contigo, *escravo*?

Acheron quase não conseguia apanhar a mão de Zarek antes que as suas garras cortassem a delicada garganta de Valério. Talon nunca vira Acheron lutar tanto para segurar alguém. E isso dizia muito sobre o poder de Zarek.

E sobre o seu temperamento.

— Para! — ordenou Acheron a Zarek. — Sei que já passou muito tempo deste a última vez que estiveste perto de um Predador da Noite, Z, mas lembra-te, o que quer que lhe faças, *tu* senti-lo-ás com uma intensidade dez vezes superior.

O rosto de Zarek endureceu.

— A dor é algo que consigo suportar, a ele é que não.

Valério ainda tinha os lábios presos num esgar.

— Não percebo para que precisamos de um bode expiatório para os *daemon* brincarem. Sabem, no meu tempo, ele era de tal forma inútil que o meu pai teve de pagar a um traficante de escravos para nos vermos livres dele.

Zarek rosnou como uma besta selvagem. Um instante depois, Acheron era atirado para longe e Zarek voava na direção de Valério. Agarrou o romano pela cintura e os dois caíram ao chão. Com força.

Antes que Talon fosse capaz de o arrancar de cima de Valério, Zarek conseguiu aplicar alguns bons murros, e pelo menos um último pontapé nas costelas do romano, enquanto Talon o levantava.

Tal como Acheron dissera, o rosto de Zarek revelava todos os golpes que desferira contra Valério. O nariz e os lábios sangravam abundantemente. Zarek não parecia notar e, se notava, o brilho satisfeito nos seus olhos negros mostrava que o antigo escravo romano achava que tinham valido a pena.

Valério só estava ligeiramente mais dócil quando se levantou.

— Devias ser chicoteado por isso.

Talon segurou Zarek com mais força.

Enraivecido, Zarek afastou-o.

— Tira a merda das mãos de cima de mim, Celta. — Depois voltou-se novamente para Valério. — Tenta acertar-me, seu merdoso, e eu obrigar-te-ei a comer esse teu coração negro.

— Basta! — rugiu Acheron. — Mais uma palavra de qualquer um de vocês e eu juro que arranco o coração aos dois!

Valério limpou o sangue dos lábios.

Zarek passou a mão pelo rosto, removendo o sangue, enquanto fitava Valério com um olhar assassino.

Acheron era um homem de paciência infinita e Talon nunca antes o vira exasperado. Mas via-o agora.

Acheron olhava fixamente para os Predadores da Noite.

— Para a próxima limito-me a enviar um *email* aos três. Em que é que eu estava a pensar quando decidi fazer esta reunião?

Nick interveio.

— Oh, eu sei. Que homens com uns dois mil anos se podiam, de facto, comportar como adultos?

Zarek deu uma cotovelada no estômago de Nick.

— Ups! — disse Zarek a Acheron. — Foi um espasmo involuntário do braço.

Acheron praguejou num sussurro.

— Juro, com ou sem *daemon*, se não te comportas, Z, vou-te enviar de volta à Antártica e deixar-te a apodrecer.

— Uh! — sussurrou Zarek em tom de aborrecimento. — Estou aterrorizado. Aqueles pinguins assassinos e aquelas focas peludas são *mesmo* assustadores.

Acheron rosou baixinho em aviso a Zarek.

Talon sentiu pena do seu líder frustrado. Sabia porque é que Acheron tinha convocado aquele encontro. O Atlante quisera ver o que aconteceria caso os caminhos dos três se cruzassem. Era melhor ficar a conhecer o nível de hostilidade desde o início e estar lá para o controlar, do que arriscar um encontro ocasional em que Zarek pudesse dar uma tarefa monumental a Valério sem alguém que os separasse.

Agora Acheron sabia exatamente aquilo com que tinha que lidar e quanto espaço era necessário deixar entre eles. Talon tinha que saudar a sabedoria do Atlante. Acheron podia ter uma aparência jovem, mas era verdadeiramente antigo no que dizia respeito aos seus poderes, ao seu conhecimento e à sua capacidade de lidar com os Predadores da Noite patifes, que tinham de lhe prestar contas.

Acheron olhou para cada um deles.

— Se não se conseguem controlar nem por cinco minutos, teremos de dividir a cidade. Já que sou o único capaz de percorrer os cemitérios, fico com eles. Valério, quero-te no Garden District e no Business District; Zarek e Talon podem ficar com o Bairro. No dia de Carnaval teremos de estar todos no Vieux Carré o mais tardar às nove.

Voltou-se para Nick.

— Tu ficas de prevenção. Caso algum de nós caia, preciso que te mobilizes depressa.

— Só há um pequeno problema.

— Que é?

Nick apontou para Valério com a cabeça.

— Se ele cair, fica por sua conta.

Zarek sorriu.

— Eu sabia que havia uma razão para gostar deste miúdo.

Nick lançou-lhe um olhar de descrença.

— Nick — disse Acheron, a voz com um toque de aviso —, o teu dever é para com todos nós. O Valério é um Predador da Noite tal como eu, o Talon e o Zarek.

— Eu sei que prestei um juramento, mas eu jurei proteger o Kyrian da Trácia e o inferno ficará mais frio do que o icebergue do Pai Natal antes que eu levante uma sobrancelha que seja para ajudar o homem que o torturou e crucificou.

Os olhos de Valério chisparam.

— Isso foi o avô dele, não ele.

Nick apontou um dedo a Valério.

— Ele também lá estava, a assistir, e não fez nada para o parar. Recuso-me a prestar assistência a alguém capaz de fazer tal coisa. — Voltou a olhar para Ash. — Tu, o psico-idiota e o Talon, têm a minha ajuda, mas ele não.

— Psico-idiota? — repetiu Zarek. — Hum, gosto disso.

Acheron ignorou Zarek.

— Nick...

— Não faz mal, Grego — interrompeu Valério. — De qualquer forma, eu preferiria morrer a ser ajudado por este plebeu.

— Então somos três — disse Zarek. — Eu também preferia que ele morresse. Agora todos juntos, vamos votar para correr com este tipo da cidade.

Talon escondeu o seu divertimento e perguntou-se quanto tempo demoraria Acheron a desfazer Zarek e Valério em pequenos pedaços de Predador da Noite.

Talvez devesse pedir a Nick para ter uma pá e uma vassoura à mão. Pela expressão no rosto de Acheron já não devia faltar muito.

— Está bem, então — disse Acheron a Nick. — Liga ao Eric St. James e pede-lhe que retome o seu estatuto de Escudeiro Lapa para o Valério, para o caso de ele precisar de alguma coisa.

Nick acenou.

— Posso pedir-lhe que fique também com o Zarek? Ainda tenho que pensar na escola.

Antes que Acheron pudesse responder, Valério afirmou com desdém:

— Não trabalharei com um escravo como igual nem partilharei um servo com ele.

As narinas de Zarek abriram-se.

— Acredita em mim, rapaz, não somos iguais. Estás tão abaixo de mim que eu preferia sentar-me na merda a deixar-te limpar-me o cu.

Talon apanhou Valério antes que este chegasse junto de Zarek.

Trocou um olhar com Acheron.

— Vai ser divertido, não vai? Constantemente a separar estes dois enquanto lutamos contras os *daemon*. Não seria melhor esquecermos tudo e escondermo-nos nas nossas casas até isto chegar ao fim?

Mas, ainda mais desencorajante, era saber que se Kyrian descobrisse que Valério estava na cidade, faria com que o ataque de Zarek parecesse um abraço amoroso. E como Kyrian já não era um Predador da Noite, os seus poderes não seriam contidos pela restrição de Ártemis. Teria rédea solta para matar o Romano.

Acheron suspirou irritado.

— Estou quase pronto a concordar contigo. — Voltou-se para Valério. — Vai patrulhar as tuas zonas.

Valério dirigiu-lhe uma saudação romana deveras sarcástica, depois rodou sobre os calcanhares e deixou-os.

O ar entre eles aqueceu consideravelmente. Raios, Zarek quase parecia... tolerável. O corpo do homem libertou-se de uma quantidade visível de tensão.

— Vou ficar contigo e com o Kyrian ou com o Nick? — perguntou Zarek.

Acheron manteve-se em silêncio enquanto retirava uma chave do bolso do casaco.

— Achámos que era melhor teres a tua própria casa. Pedi ao Nick que alugasse uma casa para ti em Dauphin Street. As janelas foram pintadas de preto e foi feito tudo para bloquear a luz do sol.

O rosto de Zarek voltou ao seu estado empedernido e os olhos negros chisparam. Por alguma razão, o homem estava furioso quando arrancou a chave da mão de Acheron e se voltou para partir.

— Vou pedir ao Nick que te mostre onde fica — disse Acheron.

— Não preciso que ninguém me mostre porcaria nenhuma — rousnou Zarek. — Eu descubro-a sozinho.

Depois de Zarek se ter afastado de forma pomposa, Nick sorriu.

— Eu sei — disse a Acheron. — “Nick, vai atrás do psico-idiota e mostra-lhe onde é que ele mora.” Mas permite que assinale que fazer isso me devia dar direito a subsídio de risco.

Acheron arqueou uma sobrancelha.

— Permite que assinale que ficar aqui comigo será bem mais perigoso para a tua saúde.

Nick fingiu surpresa.

— O quê? Eu ainda aqui estou? Oh não, desculpa, pensei que tinha partido há dez minutos.

E saiu a correr atrás de Zarek.

Uma vez sozinhos, Talon passou a mão pelo cabelo.

— Há noites em que não vale a pena sair da cama, pois não?

— Nem fazes ideia. — Acheron soltou um suspiro longo e profundo, como se expelisse a tensão do corpo.

— Então diz-me, T-Rex, o que é que fizeste à Ártemis para ela atirar isto para cima de ti?

Como esperado, Acheron não disse nada. Tanto quanto era do conhecimento de Talon, ele nunca revelara nada de pessoal sobre si mesmo ou a natureza exata da sua relação com a deusa.

— Acompanha-me, Talon.

Aquilo não soava nada bem, mas Talon seguiu-o.

Acheron permaneceu em silêncio enquanto se afastavam de Pedestrian Mall e avançavam para Pirate's Alley, na direção de Royal Street.

Logo ao lado da Catedral de St. Louis, perto do pequeno jardim nas suas traseiras, Acheron parou. Talon olhou à sua volta, inquieto, os Predadores da Noite não se davam muito bem em locais sagrados. Sendo homens que tinham perdido as suas almas, almas que tivessem perdido os seus corpos tendiam a desejar apoderar-se deles. Um Predador da Noite forte podia lutar contras as almas, mas só Acheron era completamente imune à possessão.

Era a principal razão por que os Predadores da Noite viviam apenas em casas novas e por que Nick tinha levado um médium à casa de Zarek, para se assegurar de que não havia fantasmas nas redondezas. Um Predador da Noite possuído era uma coisa assustadora.

— Fala-me sobre a mulher com quem passaste o dia.

Ele sobressaltou-se com as palavras de Acheron. Os poderes daquele homem nunca deixavam de o surpreender.

— Na verdade, não há nada a dizer.

— Não me mintas, Talon. A Sunshine ainda está contigo. Consigo senti-la aí. Está nos teus pensamentos e no teu sangue.

O homem era verdadeiramente assustador.

— Escuta, eu sei onde residem os meus deveres. Fiz um juramento a Ártemis e não estou à procura de uma forma de o quebrar.

— Não é isso que me preocupa.

— Então o que é? — perguntou Talon.

— Lembras-te do que te disse na noite em que te vingaste do teu clã?

— Tudo tem o seu preço.

— Exatamente. Esta mulher está dentro de ti, irmãozinho. Se não a expulsares, ela libertará as emoções que te ensinei a enterrar.

— Isso seria assim tão mau?

Acheron tirou os óculos de sol e fitou-o longamente, de forma dura e séria, com aqueles olhos sem idade, intemporais e brilhantes.

— Sim, seria. Tu és o único Predador da Noite em quem posso confiar para manter a cabeça limpa e serena. Preciso que te mantinhas concentrado, em especial tendo em conta que se aproxima o Festival *Daemon* e temos na cidade dois Predadores da Noite que se odeiam. As tuas emoções são a chave para os teus poderes, Talon. Quando perdes o controlo, perdes a tua imortalidade de Predador da Noite, e não te quero ver morto por não seres capaz de controlar a tua libido.

— Não te preocupes. Estou controlado.

— Ótimo. Limita-te a garantir que assim continuas porque se não continuares, *vais* arranjar maneira de te matarem.